

Paulicéia

Revista

Janeiro 2025

Autorretratos

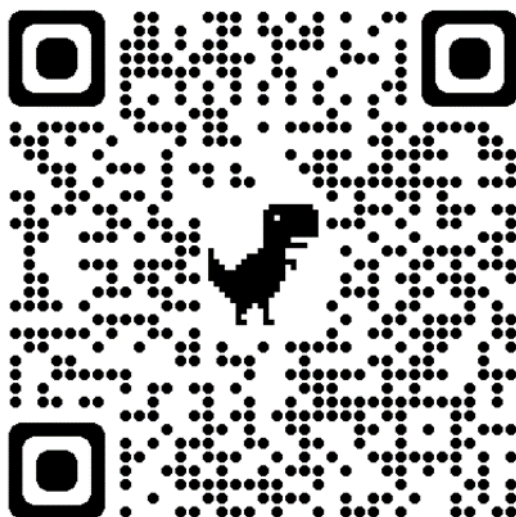
A vibrant, stylized illustration of a city skyline, likely New York City, featuring the Empire State Building as the central focus. The buildings are rendered in a geometric, blocky style with a rich color palette of blues, teals, oranges, and yellows. The background is a gradient of light blue and yellow, with a large, stylized sun or moon in the upper right corner. The overall aesthetic is modern and graphic.

29ª Edição



AUTORRETRATOS

A Maior Revista Digital do Brasil



Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.



Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional

E-mail: revistaautorretratos@gmail.com

INSPIRAÇÃO

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal!...Traje de losangos...Cinza e ouro...
Luz e bruma...Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfume de Paris...Arys!
Bofetadas líricas no Trianon...Algodoal!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

Mário de Andrade

Autores nacionais

Alex Rodrigo

Andria Cris

Angela Gabriela Da Silva

Arcangela Pivetta Dos Santos

Ari Göisler

Arthur Limana Schultz

Bebel Pozzi

Clarissa Machado

Diana Kolmbauer

Elaine Chagas

Glenda Brum De Oliveira

Isabel Spagnolo

Joseline Campos

Juscélia Santos Xavier

Laila Angelica Moraes

Layla Azoubel

Lizia Vichara Barcellos

Luana Schrader

Maria Araujo & Germano Ribeiro

Maria Nazareth Doria

Marlene Krupa Do Rosário

Marta Costa
Patrícia De Azevedo
Priscila Bissaro
Renata Freitas
Roberta Dayne
Simone & Alexandre Fraenkel
Sonaira Limana Schultz
Suélen Ferreira Moreira
Susana Fátima Stähelin
Thiego Milério
Vânia Coelho
Vera Versiani
Vinicius Moraes Almeida
Yara Suelen Dantas Da Silva

Autores internacionais

Cláudia Chambel (Portugal)

EDITORIAL

Bem-vindos à Revista Autorretratos, onde a literatura transcende fronteiras e conecta leitores e autores em uma celebração da criatividade e do pensamento crítico. Como projeto independente, temos o compromisso de dar voz a novos talentos, preservar a riqueza cultural da literatura brasileira e internacional, e explorar as nuances da experiência humana através da poesia, da prosa — contos e crônicas — e de ensaios e artigos contemporâneos.

Mais que uma revista, cada edição é um farol que ilumina caminhos literários. Publicada mensalmente em formato digital e impresso, cada número possui registro exclusivo na Câmara Brasileira do Livro (CBL), destacando sua singularidade como uma expressão artística completa. A Revista Autorretratos busca oferecer aos leitores uma experiência contínua e transformadora. Nosso objetivo é ampliar horizontes e abrir espaço para histórias que provocam, inspiram e ressoam com o mundo ao nosso redor.

Em 2024, nos consolidamos como um nome em ascensão no cenário literário nacional: 614 mil visualizações e mais de 10 mil downloads digitais reafirmaram a força do nosso projeto. Expandimos nossa presença física com 480 exemplares impressos distribuídos no Brasil e na Europa, e celebramos a estreia de 288 novos autores, cujas narrativas enriqueceram ainda mais nossas páginas. E alcançamos um recorde recente: 50 autores reunidos em uma única edição, consolidando nossa identidade como um espaço literário global e vibrante.



EDARTI: 2025000-01.
ISBN: 978-65-01-28387-6. 29ª EDIÇÃO

Janeiro, 2025

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

O Studio de ilustrações digitais
da Revista Autorretratos
(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS

POESIA



TARDE SEM SOL

Uma tarde sem sol é uma tarde perdida

É o vento sem brisa

É a ressaca sufocante

É a paz distante

Uma tarde sem sol é um amante perdido

É o amor desiludido

É a dor persistente

É a lágrima insurgente

Uma tarde sem sol é como o rancor

O ressentimento e o desamor

É o protesto sem o clamor

É o perfume sem o odor

Uma tarde sem sol é um dia de agosto

É o brilho mais fosco

É a alma sem rosto

É a vida sem gosto

Vinicius Moraes Almeida



Vinicius Moraes Almeida tem 33 anos, é natural de Ponta Grossa/PR, mas Itajaiense de coração. Tentou carreira na área acadêmica, chegando a cursar Comunicação Social - Jornalismo e Bacharelado em História na UEPG, mas desistiu de ambos. Em 2024, após conhecer a poesia dadaísta de Ana Frango Elétrico, descobriu o amor pela poesia e começou a escrever sobre as suas inquietações, o amor pela vida e suas melancolias eufóricas. Além de poeta em formação, Vinicius trabalha como cobrador de ônibus.



VANITAS

flores de plástico sem cor
azedos doces finos
uma partitura de rasgar a alma
louças de família rachadas
podres frutas exóticas
flauta empenada
toalha de renda furada

já não precisa de caveira
para lembrar nada
quem dirá
minúsculo autorretrato
para refletir o que já está claro

PRIMAVERA

fumaça de bondade
poeira colorida
festival das cores
anunciando a primavera

cheiro de ervas
sabor de pistache e sal rosa
gás entorpecente
abraço libertação

é única estação
o ano inteiro no salão
deixando restos de belezas
suspensos do ar ao chão

Renata Freitas



Pernambucana residente em Brasília, Licenciada em Desenho e Plástica pela UFPE, especialista em Produção de Moda e Styling pela Faculdade SENAC PE, escreve poesia por puro espanto, refaz seus desenhos através da escrita e constrói novas realidades através da autoficção. Instagram: @renata.a.f.



MINHA FAMÍLIA É NOTA 100!!!

PARA A MINHA MAMÃE SONAIRA SCHULTZ E
PARA O MEU PAPAI PAULO SCHULTZ
COM CARINHO, DO FILHO ARTHUR SCHULTZ

Eu amo minha família querida!

A minha mamãe e o meu papai

Por ela eu dou minha vida

Pois dela nenhum pensamento negativo sai!

A minha mamãe é professora

Querida e amada

Sensacional para mim

E, por isso, dela eu vim!

Meu pai é o cara mais legal

Por ser todo engraçado

É uma pessoa leal

E muito especial!

A mamãe, às vezes, é rigorosa

Mesmo assim, é carinhosa e muito amorosa

E, claro, uma mãe maravilhosa!

Meu papai é “tipo” um policial

É conhecido por todo mundo

É uma pessoa sensacional

Que tem pensamentos sobre bons assuntos

Já eu

Com minha mamãe

Estudo muito

Para nos prender

Nunca há um circuito!

Nós três unidos

Somos um só coração

Por sermos muito queridos

Um ajuda o outro, de montão!

Meu pai e minha mãe são um ótimo casal

Os dois são bonitos

Um faz o outro ser mais sentimental

E cuidar de mim

É o que há de mais igual!

Minha família

Não faz mal para ninguém

Por isso, para ela

Eu dou nota cem!!!

DOCE FORTALEZA

Assim como as águas
São calmas e profundas
Sou a calmaria de uma brisa do litoral
E intensa, como o vento de um vendaval!

Um tornado inesperado
Descrença e esperança
Lado a lado
Maresia e vulcão
Luz e amor, no coração!

Sou vulnerável como uma flor
Fiel à própria intuição
A qual envia sinais de alerta
Que são uma certeza
Forte como uma rocha
Uma doce fortaleza!

Sou a alegria das cores
A imensidão da tristeza
De coração limpo
E consciência tranquila
Haja emoção!
Com doses de razão

E que amor, sempre sobre...

Nesta alma rara e nobre
Às vezes, sonhadora
Às vezes, “pé no chão”
Um misto de vaidade
Poder e ilusão!

A força da verdade
Mora neste coração
A ferro e fogo
Julga a maldade
Tem a benevolência
Como guia
E o filho
Como a melhor companhia!

Escolhi meu esposo
Para ser o meu par
E no compasso
Da dança da vida
É com ele que escolho sempre dançar!

Dedicada
Corpo, alma e coração
Em tudo que faço
Entrego-me
Com total doação!

Leciono por vocação

Transbordo orgulho
Pela minha profissão!

Considero a solidão, uma palavra triste
É o vazio da existência
Estar só tem outro aspecto
É desvendar a minha própria essência
É regar o meu intelecto
Através da reflexão profunda
A sabedoria eleva e inunda!

Tenho paixão pela vida
Decoro o meu espírito
Com adornos coloridos
De momentos bem vividos
Busco, a cada instante
Contemplação constante!

Para ser resiliente
Travo uma batalha pessoal incessante
Um monólogo interno inquietante
Cultivo a espiritualidade
Para reconhecer a minha autenticidade!

Meu combate não tem rivais
Pois nesta vida
Somos todos iguais
A minha luta é comigo mesma
Para conquistar meus ideais!



Arthur Limana Schultz

Arthur Limana Schultz nasceu no dia 09 de fevereiro de 2015, em Caxias do Sul-RS. Reside em Farroupilha. É filho de Paulo e Sonaira, seus maiores admiradores. Desde a sua primeira infância, Arthur teve contato com livros, os quais continua apreciando. Alcança uma posição de destaque, em todas as atividades, nas quais se envolve. Sempre foi um menino falante, criativo e inteligente. Descobriu seu talento para a escrita, neste ano. É um

poeta mirim iniciante, que domina a arte das palavras. Já participou, como coautor, de três antologias e três coletâneas,. Estuda inglês, toca teclado, na orquestra, do CAI Primeiro de Maio, e dança na invernada, do CTG Aldeia Farroupilha. Possui habilidades nas diversas áreas de conhecimento, pois tem uma facilidade incrível para aprender. Ama jogar futebol, esporte que deseja continuar praticando e se aperfeiçoando. Adora, também, participar de competições e brincadeiras desafiadoras, que envolvam o raciocínio, ao estar brincando na companhia de seus melhores amiguinhos e de sua mamãe e papai.

Sonaira Limana Schultz

Sonaira Limana Schultz nasceu em São Gabriel-RS. Reside em Farroupilha-RS. Sente-se orgulhosa, pelos frutos de suas escolhas bem determinadas, é mãe de Arthur, um poeta mirim brilhante, esposa de Paulo Roberto, um pai amoroso, filha de José Antônio Limana e Sandra Xavier Limana, professora. Atuando como professora de turmas de anos iniciais, na rede municipal, de Farroupilha, neste ano, é professora de seu filho, pela terceira vez, experiência que tem sido muito enriquecedora, para ambos, mãe e filho, devido à cooperação, admiração e orgulho mútuos, que sentem um pelo outro. É, também, professora de Língua Portuguesa, de turmas de anos finais, do ensino fundamental, e tendo experiência docente, na área de Literatura, sempre apreciou o universo literário. Como escritora iniciante, seu ingresso no fabuloso mundo da escrita, já reúne sua participação em três coletâneas, como coautora.



SOU ÁGUIA

Ah, eu sou águia! Mas não contes!
Voo sobre os montes
Pairo sobre o verde
De onde a distância se perde
Subo o mais alto que posso
Pra abraçar o meu propósito
E quando estou pra morrer
Ainda mais me elevo, e sem sofrer
Isolo-me, rasgo-me, arranco minhas penas
Pra que o novo entre em cena
Então fico mais forte
Já não temo a morte
Ao meu redor, tudo é energia
Essa força me beneficia
Então o velho se faz novo
A luz que me vem é do Todo
Sou divina, sou humana
Idealista tisana
Guardo a direção leste
E a luz do sol que me veste
Faz de mim águia-dourada
Não mais envelhecida, agora, renovada.

Susana Fátima Stähelin



Susana Fátima Stähelin é nascida em Joinville/SC, nasceu em 1969, formada em Letras e Pós-Graduada em Literatura Brasileira. Poetisa, contista e autora dos romances “Fios que sangram” e “As chaves não caem como as folhas”, este último apenas em e-book; além de publicações em coletâneas de cordéis. É membro da Academia de Letras do Brasil – Santa Catarina – Seccional São Francisco do Sul e compõe o grupo de poesia clássica “Escritores do Belo”. Instagram: @susanastahelin.



LONGA E BREVE

Quero amanhecer e anoitecer por dentro

Quero vida longa e breve

Longa, para usufruir de cada amanhecer e anoitecer de giro da Terra

Tantos quantos me forem possíveis.

Breve, pela intensidade de cada segundo presente no ponteiro das horas

Olho para o futuro e me vejo de cabelos brancos. Totalmente brancos e lindos

Sem os pesos de tantas máscaras que a juventude do meu ego frágil precisou vestir

Miro o céu infindo e avisto minha Alma

Leve, profunda, tranquila

Com a confiança e serenidade das anciãs sábias que me circundam

Sim

Elas estão entre nós e nos abençoam

Desejo ter coração forte para seguir

E sorriso aberto para receber cada porta aberta que a Vida me apresentar

E quando as lágrimas chegarem

Que eu tenha colo e tenha braços

Para embalar cada dor terrena no solo fértil do meu corpo sagrado

Assim, então, minhas lágrimas serão bálsamo e nutrirão cada semente que plantei pelo caminho

Quero ver minhas árvores crescerem

Frondosas

Robustas

Troncos fortes de sustentação

Raízes profundas pra que eu não me perca de mim.

Porém, desejo que os ventos do sul me espalhem pelas terras desse meu país

Pra que meus pólenes possam viajar as viagens que não me forem possíveis

E me plantar em outras tantas imensidões e me contar histórias e cultivar amigos.

E eu, aqui, avistando todo pôr do sol que Deus me conceder

Vou olhar para trás

Olhar pra mim

E sentir, dentro deste meu peito ávido:

nada foi em vão

E não me faltou coragem para dizer à Vida, à Deus e a mim mesma

Obrigada por me permitir ser quem sou

Por me fazer livre e me fazer voar

E pelo ar que anima meu ser

Assim quero seguir

Pelos incontáveis amanhecer e anoitecer de cada dia

Até o último suspiro e fechar dos olhos

Por uma vida com sentido

Lizia Vichara Barcellos



Lizia Vichara Barcellos, nascida em Agosto de 1983, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Aprendeu a ler com o pai desde os quatro anos de idade e, pasmem, lendo Gibi do Tio Patinhas. Mas para além da diversão, cresceu escrevendo sob os cuidados e orientações da mãe que sempre a fez buscar pelas palavras no dicionário, o que era muito chato para a sua infância, mas fomentou, pouco a pouco, seu repertório verbal e o amor pela literatura e escrita. Uma vida em narrativas fragmentadas. Até que toda essa vivência culminou, em 2023, na publicação de seu primeiro livro de poemas com o título *Dos Retalhos e Rendas*. A obra busca remontar isto: fragmentos que constituem nossas biografias. O apaixonamento pelas histórias humanas igualmente inspira sua profissão de Psicóloga Clínica. Sendo atravessada pelas experiências e discursos de seus pacientes. Atravessando vazios, silêncios, frases, caminhos.



O GUETO

PARA O GRUPO ECO DA FAVELA SANTA MARTA, NO RJ

há gente demais neste mundo
dançando na pouca valsa
adágio, allegro, andantino

extrapolado é o número
pra lá de não condizente
com a forma do figurino

que posso dizer? que sei?
nada traduz o gueto
nada faz jus ao libreto

agucem seus próprios sentidos
sirvam-se a gosto e à vontade
pinçando timbres sortidos

mergulhem no imponderável
do fruto doce da sorte
ou no encontro apropriado
da cor, do sal, do tecido
na paleta indelével
do artista não corrompido
para compor o retrato
com traço bem concluído:

do morro das coxas firmes
no vaivém das escadas

do morro do pão repartido
do funk e da feijoada

do morro dos ventos uivantes
da farra da criançada

do morro do tiroteio
da folia e da batucada

do morro da espera sem fim
e da resistência herdada

do morro de jovens lúcidos
amoitando suas vidas

do morro de erros clássicos
de interpretações descabidas

do morro do foro íntimo
nem sempre bem resguardado

do morro do sem benefício
e do excesso de paróquias

do morro do mutirão
onde a irmandade se entoca

do morro dos becos fartos
ziguezagando indecisos

onde o público e o privado
alternam-se precavidos

do morro de barrancos e barracos
de folha de coco de pindoba

do visual deslumbrante
onde Deus se abastece e chora

do emaranhado de vidas e fios
esboçando ação e improviso

onde reza e canto pra Exu
encontram lugar garantido

de onde só se sai com encruza
no alho macho e banho de folha

o dia melhor sendo sábado
e a roupa, amarelo-ouro

de onde se semeia o trigo
que é estofa e alimento

onde sou só possibilidade

raras vezes objeto e alento

onde a vida é pouca escolha
e todo olhar, estrangeiro

onde se esculpe a saudade
pois todo peito é cativo

Vera Versiani



Poeta. Nascida em Montes Claros/Minas Gerais, cursando o ensino básico em Belo Horizonte; vive no Rio de Janeiro desde sempre, com um período de 4 anos na Inglaterra, onde nasceram suas duas filhas. Formada em Química (UFRJ), com especialização em Biofísica (UFRJ), tendo também cursado a Faculdade de Música da FEFIERJ (hoje UNIRIO), deixou a profissão acadêmica por interesses pessoais e se dedica integralmente a aulas particulares (de Violão, Canto e Matemática) e à Poesia/Literatura, com as quais mantém uma longa e feliz história há mais de 30 anos. Publicações: Nada Para Humanos, Solilóquios, Quiasmas e Epigramas, Alma Favela, Aforismos Implicantes (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV). E-mail: veraversiani@gmail.com | Canal no YouTube: @vversiani | Facebook: Vera Versiani | Instagram: @veraversiani.poesia.mus.mat.



SIMBORA VIDA...

Simbora vida,
Não quero saber
Mais de você

Cansei de ver
Estrelas, de querer
Só seu querer

Pra onde você vai,
De onde você vem
Não me interessa

Mais, agora sei
Só de viver

Decerto uma
Saudade pode
Um dia acontecer

A dor,
Dói de verdade
E é tão doída de doer

Mas se eu ficar
Lembrando
Seu perfume de jasmim

Meus versos
Vão mostrar
Que ainda guardei
Você em mim

O sol de todo dia,
Amigo certo,
Vai trazer

Um novo amanhecer,
“-Se liga agora
Vem viver!”

-Esquece dela vai!
-Esquece dela vem!
O tempo vai fazer

Sua alegria
Renascer

Eu sei que
A liberdade pode
Um dia se esconder

Mas precisava
Ver a vida
Longe de você

Deve existir
Um jeito de viver
Sem coração

O tempo que perdi,
Meu Deus
Não vai voltar
Mais não

Agora, de verdade
Já nem sei
O que fazer

Mas sei, minha
Metade ficou
Longe, com você

Deve existir
Um jeito de cantar
Essa canção

Sem demonstrar
Nas cordas
Velhas
Do meu violão

Maria Araújo



Germano Ribeiro

Maria Araújo é uma apaixonada pelas artes. Nasceu na cidade de ACARAÚ, num pequeno lugarejo chamado LAGOA DO CAR-NEIRO, SERTÃO. Além de ser leitora ávida e poeta talentosa, ela também se dedica à arte da

confeção manual e é uma artesã brilhante. Maria é natural de Fortaleza, no estado do Ceará. Do outro lado, Germano Ribeiro é um músico e compositor re-nomado, reconhecido como um dos expoentes da Música Brasileira Contemporânea. Com habilidades incríveis como ins-trumentista, ele encanta o público com suas melodias. Germa-no reside na cidade de Campinas, em São Paulo.



ESQUINA

A sombra da esquina desce
Sua lâmina sobre minha cabeça
Lesão axonal difusa
Neurônios decapitados

A marcha das sombras segue
Silenciosa
Inaudita
Dá tropeço aos meus passos

Amanhã me quedarei na esquina
Qual a velha meretriz
A esperar o beijo da manhã
Enquanto guarda na pochete
A dose de conhaque

Amanhã me quedarei
Na esquina me quedarei
Com a cabeça
Que

Bra

Da

De sombras

Thiego Milério



Nascido em Manaus-AM, em 1981, formado em Medicina pela UFAM, escreve poemas por acreditar no poder da Arte e da Literatura para um mundo mais humano e justo.



AN ANGEL FROM SÃO PAULO

Twelfth Day

Or

Anytime.

A messenger

Standing before

The throne of God.

A guardian

Charming and

Charmed.

The Archangel of Air!

Twelfth Day

Or

Anytime.

He...

Angel and

Archangel.

Angelic Prince of Healing!

[Forevermore]

Twelfth Day

Or

Anytime.

It's always

Him...

Celestial and

Divine.

Heaven and

Paradise.

An angel from São Paulo!

Light

Cure

Just feel it.

[Thank you, Lord]

Light

Cure

Just receive it.

[Yes, I did it]

He...

Metaphysical
And transcendental.

My oxytocin!

[Evermore]

Twelfth Day
Or
Anytime.

I say his name every day
And every single night.

He?
High frequency
High vibration.

He?
Pure energy,
The violet flame.

A Master Healing Angel!

Twelfth Day
Or
Anytime.

He,

Forever and a day,
My eternal flame.

He -
Forever and ever and always:
My Raphael!

CLARISSA MACHADO



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e membro do Grupo Literário Fonte das Letras, é ativista literária, e defensora do Direito à Literatura e da Cultura de Paz. **Instagram:** @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado.



VITÓRIA, ILHA DO MEL DESVAIRADA

Teus morros são labirintos de pedra,
Teu mar, um tumulto de emoções.
Entre ruas estreitas, teu povo
Dança ao ritmo de uma cidade inquieta.
Teus quatrocentos anos de história
Guardam segredos em cada esquina.
O vento te acaricia, suspira,
E o sol beija tua pele morena.
Na Ilha do Mel, o tempo se perde,
E o mundo lá fora é um eco.
Teu caos, uma harmonia; teu barulho
É uma serenata sem fim.
Vitória, cidade-sonho desvairada,
Teu encanto é um perfume raro.
Em tuas ruas, o passado dança,
E o presente é um abraço quente.

Arcangela Pivetta Dos Santos



Arcangela Pivetta dos Santos, Angel Pivetta (pseudônimo), nascida em 24 de maio, na cidade de Vitória/ES, casada, mãe de dois filhos. Bacharel em Serviço Social pela UFES, com Formação em Psicanálise Clínica pela ABPC; professora, pesquisadora, escritora, palestrante, poetisa, coautora dos Livros “Inocência Violada” e “Mulheres Fênix, Renascimento pela Superação”, com publicações em algumas Antologias Nacionais, é Membro da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas e Trovadores do Espírito Santo – ACLAPCTC; Academia Cariaciquense de Letras – ACL e Academia de Letras Jurídicas do Espírito Santo - ACALEJES. É Policial Civil PCES, atualmente exerce suas funções na SESP. Moradora de Cariacica, participa voluntariamente como membro do movimento “Mulheres de Cariacica”. Email: arcangelaescritora@gmail.com Instagram: @escritora_arcangela @livroinocenciaviolada.



UMA SÃO PAULO (QUASE) DESCONHECIDA

Entre tijolos e asfalto,
sombras cinzas
se transformam em poesia.

Os paralelepípedos
são como sonhos
daqueles transeuntes
que atravessam freneticamente
de um lado para o outro
na correria do cotidiano.

Os prédios de São Paulo
sorriem sempre
quando o sol de janeiro
se abre.

Comemora-se culturalmente,
a vida noturna
em seus bares.

Os cafés e livrarias
que ainda existem,
corroboram para que
a metrópole
continue resplandecente.

Museus, cinemas, teatros
fazem que o povo
se sintam cada vez mais humanos
na cidade que diariamente,
corre sem rodeios.

Laila Angelica Moraes



Nasceu em Votuporanga-SP. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev (Centro Universitário de Votuporanga) e História na UniCV (Centro Universitário Cidade Verde). Professora de Língua Portuguesa e Espanhola, Pedagoga, Pesquisadora, Revisora e Escritora. Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Inglesa e Espanhola, Gestão Escolar, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação Especial, Alfabetização e Letramento. Tem textos publicados nas Revistas Mal-larmargens, Ruído Manifesto e Sucuru. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá, Expressividade, EHS Edições, Mente Aberta e A Arte da Palavra. Autora do livro de poesias “Poememórias” (2021) pela

Editora Expressividade. Acadêmica Efetiva da Sucursal da ACILBRAS em Votuporanga, Membro afiliada da ABRESC, Acadêmica Correspondente da Nalap (Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal) e Acadêmica da ALIPE (Academia Literária Internacional de Poetas e escritores).



ANO NOVO, ARCO-ÍRIS DA RENOVAÇÃO

No horizonte nasce o ano novo,
Como um arco-íris após a chuva.
Cada cor é um brilho, um renovo,
Virtudes pintadas pela vida.

A cor vermelha é paixão, chama ardente,
O rubro renova a coragem,
Nos caminhos incertos, o amor existe,
Amantes para sempre.

O laranja, aquece o coração,
É esperança, em cada aurora,
Renova as energias e as vibrações,
É equilíbrio e confiança.

Amarelo, dourado como o sol a brilhar,
Luz que guia com sabedoria,
Amarelo ouro, simboliza riqueza,
Nos presenteia com o verão.

A cor verde, é esperança,
A calma da terra, o broto que nasce,
Em cada folha a vida renasce,
Promessa de abundância.

Azul, imenso como o céu e o mar,
Renova o infinito interior de cada um,
Conexão com o espírito, com o que há de maior,
Serenidade que abraça o pensar.

Anil, profundo enigma a descobrir,
Busca crescimento e compreensão,
Purificação energética,
Torna cada momento eterno,

Para completar, o violeta,
Toque sutil da espiritualidade,
Transcendência divina,
Prosperidade e respeito.

Cada cor do arco-íris um presente singelo,
Juntas pintam a vida em tom tão belo.
Arco-íris, ponte que inspira,
Em cada nuance, a alma respira.

Marlene Krupa



Marlene Krupa do Rosário, 44 anos. Professora do Ensino Fundamental. Reside na Cidade de Araucária/PR. Ama escrever poesias, demonstra amor incondicional pelas palavras e pela arte. Passa horas escrevendo. Acredita que ao escrever, desperta sentimentos e conexões que fazem com que o leitor se sinta parte da história. É como abrir portas para um mundo novo, onde as emoções ganham vida.



UM NOVO ANO

Primeiro mês, janeiro a chegar,
Renovando as esperanças e ganhando novo ar.
Janeiro é o primeiro dos doze meses,
O belezinho do novo ano; a contagem vamos iniciar.
Primeiro dia já vamos por ti comemorar.
Pensamentos positivos, seja um ano de bênçãos, com o pai do céu a guiar.
Janeiro de alegrias quero assim lhe pedir,
Deixe o mundo feliz quando estiveres aqui.
Mais um ano a passar...
Janeiro com sua graça vai iniciar.
Ah... Janeiro tão aguardado...
Vá com calma e passe devagar...
Pois quando você se for, saudade irá deixar.
Que os sonhos floresçam, como a primavera,
Cada dia uma chance, cada hora uma espera.
Vamos juntos celebrar, com amor e união,
Que janeiro nos traga paz e inspiração.

Angela Gabriela da Silva



Angela Gabriela da Silva, 48 anos, Brasileira, Paulista, nascida no mês de setembro, dia 13, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. Solteira, mãe de 3 lindos filhos, Pâmella, Nathália e Arthur, filha de Marília Gabriela e Manoel Luiz, ensino médio completo com certificado de conclusão do Instituto federal do Espírito Santo. Formada em cabeleireira profissional pelo Instituto Embelleze, merendeira escolar, costureira nas horas vagas e motociclista. Estou abraçando as oportunidades de mostrar outras habilidades, "escritora" é uma delas. Espero que gostem! Pois sempre escrevo com muito amor e carinho. Divirta-se também com essa leitura. E obrigada por ler! Beijocas no coração.



EU AMEI, EU AMEI, EU AMEI

Meu Deus, eu amei

Um dia a música vai parar, um dia ela sairá da minha cabeça. A música parou. Eu sei caramba!! Eu vi, ou melhor, eu já percebi que a música parou!! Posso ir ao meu tempo?! Pois mesmo depois que a música parar, eu vou precisar de um tempo que seja só meu.

E saiba, depois desse momento de contato comigo mesma, não terá mais volta.

Eu disse

Eu avisei

Eu demonstrei

Eu saí completamente de mim

E nada

Você não entende, é no nada que eu volto pra mim

É do nada que me refaço

No nada te esqueço completamente, saio de ti e retorno para mim

Eu nasci, me criei e me desenvolvi com o nada e do nada me transformei

Nada, é o que sou, o que fui, de onde vim e pra onde eu irei

Você, só você tinha o poder me manter aqui

Nesses turbilhões de coisas, matérias e pessoas e agitação sem fim

Só por você saí de mim

Me achei no caos e amei

Como amei

Mas do nada, voltei pra mim

Esqueci seu caos me reencontrei

Mas jamais esquecerei o tanto que te amei

Obrigada, eu sei!! Eu, apenas eu amei
Eu amei, eu amei, eu amei
Obrigada, por me fazer amar
Meu Deus, como amei
Estou de volta ao meu nada
À solidude e ao nada do meu mais profundo e obscuro eu
E sempre lembrarei o tanto que amei
Eu amei, eu amei, eu amei

AQUELA PRESENÇA É VOCÊ (PAI)

Você não foi meu herói
Você não foi meu bandido, nem meu amigo
Você não foi meu escudo ou qualquer outra forma de proteção
Nos momentos de perigo, e foram muitos, você não estava lá. Foram tantas situações difíceis e você não esteve presente
Às vezes penso que te conheço, mas como poderia, se não lembro nem do teu rosto, do teu sorriso ou do teu olhar
Foram tantas as vezes que imaginei ouvir tua voz, mas como poderia saber se de fato era você
Te busquei em minha imaginação, te vi em meus sonhos, te ouvi em meus delírios de menina órfã, te admirei em fotografias, te busquei nos braços dos homens que me tomaram
Foram muitas, as vezes que te culpei, que te odiei, que te xinguei, que desprezei a sua existência, pois odiei a sua ausência

Em geral, quase sempre não lembrava de você, mas a cada segundo domingo de agosto, a cada decepção na vida, a cada frustração, a cada dor que alguém me causou, a culpa era sua, sua ausência era a razão de toda e qualquer tristeza, dor, sofrimento, angústias e frustrações

Passei tantos anos com raiva de você, com um nó na garganta e uma sensação horrível de desespero, sufocamento e ansiedade e desesperança

Pai, como eu gostaria de lembrar de um único momento com você, mas não consigo, não lembro de você

Hoje, aos 48 anos eu finalmente compreendo que as coisas não são como a gente gostaria que fossem, que a gente por mais avisados que sejamos, do último dia, do último momento, do último suspiro, do último beijo, do último abraço, do último olhar, tendemos a acreditar que vamos envelhecer, que veremos os filhos crescerem, que finalmente a aposentadoria chegará, enfim poderemos viajar e finalmente viver a vida livres, leves, soltos como os pássaros a voar no céu azul sobre as ondas do mar

Mas ela sempre vem imprevisível, surpreendente e inesperada e tudo bem

Mas como eu disse, hoje eu sei, hoje eu entendo, hoje eu vejo que você foi até onde conseguiu ir, que foi o que precisou ser, que fez o seu melhor, que você não escolheu ficar ou partir, você só precisou ir

Hoje eu sei que não foi abandono, sei o quanto você me amou, sei que você foi até onde pôde, o melhor pai que eu poderia ter. Hoje eu sei, aquela presença o tempo todo era você.

Diana Kolmbauer



Diana (Diana Kolmbauer) Araújo da Silva é psicanalista, pesquisadora e escritora com uma visão abrangente sobre desenvolvimento humano e liderança. Graduada em Psicologia pela UNESA, ela também possui pós-graduação em Gestão e Gerenciamento de Projetos pela UFRJ, combinando competências analíticas e práticas em suas abordagens. Como fundadora da Diana Kolmbauer Enterprises, está lançando "Caminhos da Liderança", um livro inovador que desvenda as interconexões entre inteligência cognitiva, emocional e espiritual, oferecendo ferramentas transformadoras para líderes e indivíduos em busca de crescimento pessoal e profissional. Redes sociais: @diana_kolmbauer | @psicologia_di_araujo (perfil pessoal no Instagram).



AO CORAÇÃO

Querido, não entregue a chave a quem não se dispõe a ficar,
pare de asilar quem não quer morar,
fuja do confuso, se desvie do incerto,
se atente mais a quem te quer por perto.

És perfeito e deveras grandioso
para um sentimento tão abreviado acolher.
Ah meu caro amigo, seja forte e corajoso!
Saiba expulsar quem não faz valer.

É certo que doa profundamente
deixar partir e seguir em frente
e quando não mais doer tão forte
saberá que o melhor foi não contar com a sorte.

Por fim, não se culpe por se apartar.
Sentirás falta silenciosamente,
até que em algum momento toda
recordação já não vai mais te importar.

Elaine Chagas



Elaine Chagas nasceu no interior de Minas Gerais e é mãe de duas crianças extraordinárias, que são sua maior fonte de inspiração. Desde a infância, nutriu uma paixão pelos livros, transformando o que antes era apenas um sonho de criança em uma realidade repleta de palavras e obras literárias. Sua paixão pela poesia é o coração de sua jornada como escritora. @elainechagas17.



A DANÇA

O movimento precede a intenção
Ritmado pelas batidas e bossas
Significa o pulsar do coração
Imita a vida, as sinas nossas

Pra dançar tem que se jogar
Cair, levantar, girar
É a mulher sendo guiada
Sem se sentir subjugada

A dança lembra o mar em tormento
Tem desejo de deslocação
Fecho os olhos pra ver por dentro
Silencio ao som da atenção

Cabelo, olhar, sorriso
Viver é meu compromisso
Pescoço, ombros, cintura
A melodia e sua criatura

De punhos cerrados
A pés descalços
De prece pra Exu tácita
À bailarina clássica

Os corpos que reivindicam

A liberdade para serem
Nesse caos se infiltram
Fingem nada verem

Eis que, ah!
Danço pro mal afastar
Não precisa fazer sentido
Esse amor cá desmedido.

JOSELINE CAMPOS



Joseline Campos, natural de Guaratinguetá/ SP, desde criança se encanta com a arte, com a música e com as questões humanas. Atuou como advogada e mediadora (2013-2016), desde 2017 é professora de Língua Portuguesa e Arte na educação básica, pós-graduada em Linguagens e Metodologias Ativas. (2024). Dedicase também à escrita literária, tendo publicado o livro de poesias “Tríade olhar” (2006) e “Darci Bernardes: histórias de uma vida” (2022). É uma leitora voraz, desde romances e contos, até manifestos e ensaios. Escreveu em co-autoria o Projeto de Leitura Interdisciplinar “Entrelinhas e palavras”, pela Secretaria Municipal de Educação em Guaratinguetá. Segue relacionando suas leituras com as vivências profissionais e pessoais, sentindo a imensa necessidade de compartilhá-las com a sua comunidade, participando de Feiras Literárias e eventos culturais da região, comprometida com o debate para se alcançar uma sociedade democrática mais justa e igualitária. Atualmente, em processo de seleção e organização de textos poéticos, que pretende publicar em breve.



DEVANEIOS

Oh, solidão que me atormenta..

Oh, vida que não se ajeita!!

O que fazer quando nada parece se resolver?

Sinto-me num casulo, sem chances de evoluir.

Sinto-me aprisionada nos meus próprios pensamentos.

É um tormento! Os dias se tornam longos e sem solução...

A luz não entra em minha janela entreaberta, só esperando um raio qualquer.

E esse devaneio que me invade e se apossa de minh'alma.

Oh, quando chegará a redenção?

Sob o véu da mente em silêncio,
Onde o tempo parece adormecer,
Anseio pela minha metamorfose.

As "changes"... quando irá acontecer?

Devaneios que aprisionam. Rezo pela liberação desse cárcere mental em que me encontro.

Há luzes que brilham ao longe,
São estrelas que nunca toquei.

Mas nelas repousam desejos, esperanças que sempre guardei.

E assim, devaneando sem rumo,

Sou pássaro, sou vento, sou mar.

Na vastidão dos pensamentos, encontro o que é o meu lugar...

Devaneios...

Juscélia Santos Xavier



Juscélia Santos Xavier, professora de Língua Portuguesa. Especialista em Língua Latina e Filologia Românica. Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros.



SAMPA

Dá-me a beleza dessa euforia
Mesmo que só e diminuta seja
Sou a poesia que vê e almeja
O lindo amanhecer de cada dia

Tão imponente, real e verdadeira
Cheia de sonhos e muita peleja
Uma linda cidade que te proteja
Fazendo de mim, pura alegria

E que semeie na gente, gentileza
Faça brotar dos olhos, a emoção
Uma vida cheia de luta e incerteza

Eis aqui, a minha doce declaração
Paulicéia, és nossa gigante fortaleza
Nosso lar, partes de nosso coração.

Priscila Bissaro



Priscila Bissaro, mineira de Lavras, tem 46 anos, mora no Rio de Janeiro, é Bióloga e militar do Exército. Ama a natureza, os animais e a literatura. Faz parte dos Escritores Capixabas, pela Associação Capixaba de Cultura e Arte (AACC) e dos Escritores Admiráveis, da LC Assessoria e Marketing com mentoria de Lilian Cardoso. Possui três livros de poesia publicados. Ganhadora de quatro prêmios literários e um prêmio internacional. Ama escrever, já foi aprovada em oito antologias de contos e poesias e participou de três feiras literárias. Determinada, não desiste de seus sonhos. Instagram: @prisbissaro.



PROSA

CONTO

NEFASTO SONHO TRANSPASSADO

Ouvia-se à distância os longos e agonizantes tossidos que ecoavam pelos corredores mal iluminados. O cheiro forte de mofo misturava-se à presença dos quadros velhos e encardidos pelo tempo, todos retratando santos de rostos redondos e pálidos, com expressões de espanto que esbanjavam uma misericórdia divina. O silêncio sepulcral era constantemente rompido por tosses secas e profundas, como se viessem dos pulmões enfermos. As velas, dispostas cuidadosamente uma distante da outra, não iluminavam os corredores, mas afastavam os mosquitos que por ali rondavam. Este era o Mosteiro.

As chamas das velas tremulavam, dançando como se rissem das poucas pessoas que passavam pelo local. Antes, toda vela acesa logo se apagava. Depois, por teimosia do destino ou do velho coroinha, elas passaram a permanecer acesas, embora queimassem depressa. Pareciam chorar silenciosamente, talvez lamentando o destino ingrato que lhes era imposto enquanto se consumiam em fogo. No salão principal, havia diversas obras renascentistas, carcomidas pelo tempo, mas ainda exibindo os rostos pálidos dos santos e as folhagens que os cercavam.

— Quando será que aquele criolinho vai parar de se pendurar na corda do sino? Será que ele não percebe que atrapalha o pêndulo e desafina o badalar?

— Que crioulo, menino?

— Ou será que ele só vai sair quando os urubus terminarem a refeição?

— O padre Afonso colocava umas pedrinhas brancas dentro do cálice antes de rezar a missa. Nunca entendi por que ele arregalava tanto os olhos verdes após terminar o vinho em um único gole. Já o vi engolindo coisas maiores na sacristia... Mas, se bem que, ele sempre devolve, né?

— Perverso. Impuro! Concubino!

— Não se preocupe, mamãe. Ele engole e devolve, suavemente, o instrumento... Como se chama mesmo? Ah, sim, pifarito. Ele diz que ajuda a expandir as cordas vocais. Eu acho que não; deve machucar. Mas quem sou eu para discordar?

— Mas de novo você está falando sobre isso, Marcelo? Você não tem outro assunto para tratar nesta vida?

— Havia uma roda grande, de madeira. Ao redor dela, uma mulher. Sob a roda, uma chama vermelha e alaranjada, porém branda. E, a cada giro, um cigarro ela acendia.

— Ah, meu Deus! Esse menino só pode estar louco!

— Mamãe, quem é aquele homem de preto, segurando um livro? Escutei outra vez uma vela chorando aqui em casa. Por que a senhora não ouve? Quem é esse Miguel Arcanjo que a senhora tanto chama?

— Ai, meu Deus, me ajuda!

— Se quer ajuda d'Ele, mamãe, por que julga seus semelhantes como inferiores? Diz ser tão fiel, mas não suporta um pobre ao seu lado. Que feio! Será que Deus prenderia a respiração se estivesse perto de você, tão pobre de alma?

— Cala a boca, demônio!

— Esses quadros... Que nojo! Nem as traças querem corroê-los; já não suportam mais ser escovados. Assim como eles, ninguém mais aguenta você, insuportável.

— Menino, eu deveria trancar você no...

— No Mosteiro? Como você sempre fez? Pois bem, para lá, não volto. Enquanto aquele velho continuar queimando jovens mulheres por causa dos seus maridos, eu não volto.

— Você, além de doente, é nojento! Está repreendido!

— Nojento é ouvir a tosse daquele velho, como se ele fosse expurgar o pulmão na cara das pessoas que passam dias presas nas camas de tortura. Nojento é vê-lo afogando sentimentos ocultos em barris de vinho e nos obrigando a dançar nus.

— Basta! Já para o quarto, moleque atrevido!

— Vou sim, mas para lá você pode ter certeza de que nunca mais volto. Aqui, apago as velas com as pontas dos dedos; lá, elas percorrem meu corpo enquanto choram uma falsa piedade.

— Já parou para pensar que talvez você não tenha nascido para ser mãe? Não é possível! Você não nasceu para isso, mas acabou sendo, talvez por um erro do destino.

— Não fale isso, você não sabe o que diz.

— Sei, sim. Sei também que você é uma péssima mãe, mas finge ser boa na frente das suas companheiras beatas. Eu adoro ver as velas chorando copiosamente nos corredores do mosteiro. Assim, elas não sofrem com julgamentos alheios e podem chorar à vontade. Antes, eu achava que era por dó de quem visitava a sala do frei, mas, analisando melhor, percebi que elas choram por outros motivos.

— Meu Deus, onde foi que errei para merecer isso?

— Você não erra, mamãe. Você tem todo o conhecimento do mundo. Justamente por isso, você não deveria agir como age, manipulando todos

ao seu redor. Na verdade, até quem está contra você acaba manipulado. E aquele anjo gordo, de bochechas vermelhas... Você o conheceu onde?

— Ah, pronto! Desde quando eu conheci algum anjo, menino?

— Porque eu sempre ouço a senhora ao telefone conversando com um 'anjo'. Seu sorriso, em meio às palavras mal interpretadas, me causa uma estranha confusão. Que tipo de anjo usaria um telefone para se comunicar?

— Você é pior do que eu imaginava...

— Sou apenas o resultado da sua criação.

— Não seria capaz de criar um monstro como você.

— Que é isso, mamãe?

— Não me chame assim, seu debochado.

— E como deveria te chamar, então? Ninfeta celestial?

— Cala a boca, Ricardo!

— Que é isso, mamãe? Não se altere assim. Deus não se agrada com quem grita. Talvez seja por isso que o frei sempre coloca a mão na sua boca enquanto a...

— Chega! Vou te dar um corretivo agora. Você fica fantasiando essas coisas e me ofendendo desse jeito. Basta!

— Mamãe, sempre tão sábia em suas orações, não é mesmo? Reza constantemente na frente do frei, tão compenetrada... Que orgulho.

— Você vai para o Mosteiro agora! Sem mais conversa!

— Faça isso mesmo. Adoro ficar trancado ouvindo o som das suas orações angelicais, ninfetinha celestial.

— Só queria entender o que fiz para você me tratar assim.

— A senhora, mamãe, tão digna de elogios, uma mulher afável, tão entregue ao lar, só poderia despertar bons sentimentos nas pessoas que a conhecem. Veja bem: uma mulher renegada pelo próprio filho, mesmo tendo abdicado de sua vida para se dedicar ao lar, ao sagrado.

— Tudo o que fiz foi pensando no seu bem, ingrato.

— Claro que sim. Afinal, uma jovem viúva deveria mesmo se resguardar no âmago católico para manter sua honra e sobrevivência. E conseguiu, não é mesmo? Agora, acho interessante ver como um chá de erva doce pode se tornar em uma carta de morte aos olhos da visão papal, mas os encontros matinais após a missa, aí está tudo bem. O que tem de santa, a inquisição, mamãe?

— Desisto de você, meu filho, embora te ame tanto....

— Achei esses dias uma linda carta sua. posso recitar, se quiser.

— Você andou mexendo nas minhas coisas de novo? Não Acredito!

— Lembro que ela começa assim: “Carta aberta ao meu ex amor” - Não sabia que você já teve tantos amores assim, mamãe.

“Eu sei que, assim como eu, você também já teve um grande amor. E sei também que esse amor é feito de diversas lembranças e memórias — algumas afetivas, fáceis de serem revividas. Outras, no entanto, permanecem guardadas em um canto inacessível da mente. E talvez seja melhor assim, pois essas memórias são feridas abertas que, mesmo cicatrizadas, sangram quando tocadas.

Esta carta é para um ex-amor. Qual deles? Não sei, e nem faço questão de saber. São amores distantes, recentes, de todas as idades e gêneros possíveis. É para tudo aquilo que compôs o grande amor da minha vida — tão grande que nunca consegui tocá-lo. Antes de me relacionar com qualquer pessoa, apaixono-me por algum detalhe: um sorriso, um cheiro, a forma como ajeita os cabelos ou até o modo como me aborda. Não importa; sempre há algo que me faz sentir uma paixão. Essa paixão pode durar minutos, dias ou anos. Pode ser instantânea, como um simples abraço de alguém que admiro.

Por ironia do destino, passo anos sem ver quem realmente amo.

As memórias, embora indomáveis, estão sempre impregnadas de sentimentos. Às vezes, surgem com tanta força que quase posso reviver o cheiro, o toque ou o abraço apertado — até sentir o coração disparar. O término nunca é fácil; dizem que é como um luto. E realmente é: um luto no sentido de lutar, diariamente, contra fatores visíveis e invisíveis. Também é um luto no sentido de recusar a morte que vem com o fim.

É uma luta constante: fugir da memória boa, que traz saudade, e da memória ruim, que causa dor. É lutar para se manter vivo! Lutar contra perguntas inconvenientes, respostas indesejadas e curiosidades alheias sobre um possível retorno. Não, não voltaremos. O ciclo chegou ao fim.

Meu ideal de 'ex' não me deixou nada além de saudades. Meu peito dói, a saudade corrói, e o vazio me consome todos os dias em que você não está perto. Poderíamos ter passado mais uma encarnação sem tudo isso que vivemos, porque eu já estava pronta para sentir saudades de você.

Que saudade, meu amor! Sonho com você todas as noites, e sei que você também sonha comigo. Queria tanto deitar ao seu lado mais uma vez, sentir o seu cheiro depois do banho e te abraçar, buscando aconchego e carinho. Talvez outro alguém faça isso em meu lugar, não sei, mas ninguém teria a mesma sintonia que nós tínhamos — aquela paz (ou a ausência dela). Só você sabia interpretar minha respiração e entender meu corpo.

Desde então, venho acumulando solidão e tristeza. Há dias em que estou bem, em que não lembro de você e nem sinto falta. Mas há dias terríveis. Mesmo depois de tanto tempo, mesmo depois de tanto escrever, ainda dói. Às vezes, uma cena aleatória surge na memória, me comove e enche meus olhos d'água. Até o seu cheiro ainda permanece vivo em mim.

Há noites em que a solidão é insuportável. A cama parece gigante, tão grande quanto a saudade que sinto. É terrível estar sozinho. A luta é para me sentir bem, afinal, foi uma escolha minha. Mas o preço dessa

escolha é tão alto quanto o de permanecer naquela relação fracassada. Era um fracasso bom, porque me dava um motivo para estar frustrado. Agora, lido com a frustração e com a saudade. Não importa o quanto me mexa na cama: o vazio que nela habita não pode ser preenchido.

E, por mais incrível que pareça, não consegui mais me deitar em cama alguma. Os beijos tornaram-se vazios, solitários, incapazes de despertar em mim o que o seu beijo despertava. Ninguém mais me abraçou como você me abraçava. Ninguém. Sempre falta algo. Arrisco dizer que falta você em todas as pessoas com quem tentei algo. Meu corpo ainda sente saudade do seu.

É uma música, o signo, seu prato favorito ou até aquela comida que aprendi a fazer recentemente, mas que você nunca provou. Tenho certeza de que você teria amado e contado, orgulhoso, que sua namorada preparou sua marmita com tanto cuidado e amor. Desde então, não me sinto mais amado por ninguém — pelo menos, não de forma tão singular quanto você sabia me amar.

Me tornei uma marionete nas mãos de quem me procura apenas quando convém. Até nisso você me faz falta, porque eu já estava acostumado a ser sua marionete, manipulada pela forma astuta com que conduzia nossa vida. Sempre tão jeitoso ao pedir, dengoso para arrancar de mim algo que já havia planejado em segredo. Agora, não há mais segredos: exponho tudo o que tento planejar. A vida tem seguido em frente, e outras felicidades surgiram desde sua partida. Ganhei um pouco de dignidade, mas não no amor.”

— Sra. Laura, acorde! Já chegamos.

— Aí, meu Deus! Eu estava dormindo?

— Sim.

— Eu estava sonhando...

Alex Rodrigo



Meu nome é Alex Rodrigo, moro na capital de São Paulo e sou estudante de Direito. Escrever é um grande desafio. Lidar com as palavras e sentimentos, é uma tarefa árdua que carrego comigo diariamente. Relatar o cotidiano, o acaso, um pensamento, e traduzir tudo isso em palavras, dar forma e gênero para o abstrato, é desafiador. Tenho como referência a literatura feminina e brasileira, em especial, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Apesar dos desafios contemporâneos, escrever ainda é uma fonte de salvação, e a saída deste mundo tão rápido e tecnológico. Escrever é o momento de observarmos e sentirmos o mundo na sua essência.



O BROCHE DE ROSA VERMELHA

Com uma coragem irreal, e talvez irracional, resolveu decididamente que iria sair de novo. Precisava ver a noite novamente, a ideia de sair de dia era algo impensável, mas a noite era atraente demais para ser ignorada, só tinha coragem quando a via. Eu não posso te dizer se ele era uma pessoa ou uma ideia, pois nem ele mesmo saberia. Ele tinha personalidade, mas não sabia dizer onde começava, ou terminava, a amálgama de impressões dos indivíduos que conhecia, ou que, alguma vez, havia observado as ações. Era de lá onde originava sua personalidade, ele era uma mistura de todas as pessoas que já havia conhecido de longe, que era a grande maioria, ou de perto. Mesmo sendo do tipo caseiro, muito raramente saía de casa, queria sentir de novo. Sentir tudo que tinha direito, mas, principalmente, algo que ele já havia lido tanto sobre: a conexão humana. O contato que temos uns com os outros nos fazem humanos completos, é por conta de nossa fala, que são sons articulados, que conseguimos chegar onde chegamos e onde chegaremos. Não somos completos sem nossos semelhantes, talvez a existência de nossa humanidade dependa de nossas interações. Não há como se levantar puxando as alças da própria bota. Somos tão complexos que nos tornamos simples. Sineface escolhera sua melhor casaca preta com um belo lenço de seda acinzentado, combinando com sua casaca, ele não saía de casa, e não sairia se não estivesse elegante. Chegando na porta principal de sua casa, respirou fundo, virou-se para seu cabide porta-chapéu para escolher o da vez. Por mais que não saísse com frequência, mantia seus chapéus ali com esperança de um dia precisar usá-los. Talvez tenha decidido sair, por parte, por causa dela. Quando escureceu, resolveu dar as caras para a humanidade e saiu, andou

pelos mesmos lugares que andara pela última vez, e conheceu a cidade de novo. Toda cidade é linda quando nunca se viu uma. Saiu, saiu sentindo o vento percorrer e a escuridão da noite o observar, era como se todas as estrelas estivessem mais próximas, e depois foi aos mesmos lugares da última vez. Na parte central da cidade, passou por um restaurante que estava tendo uma apresentação de um mímico, O Mímico, se perguntasse a Lesocchi. Era chocante como alguém comovia uma multidão sequer falando uma só palavra. Observava o artista como se não pudesse tirar seus olhos de lá, com medo de perder alguma parte do espetáculo. Às vezes a arte é tão intensa que não se pode separar do artista, o sujeito e a obra eram uma coisa só, ele era a sua arte. Sineface, que só havia lido sobre as coisas, agora as experimentava, e isso lhe deixava em êxtase. Quando o êxtase vem pela primeira vez, é absurdo, o difícil não é sentir, é sustentar, é aguentar. O êxtase é tão perigoso quanto a ausência dele. O estranho dele é que é bom. Logo, a apresentação acabou, mostrando o vazio que o êxtase deixa quando vai embora, decidiu andar um pouco mais, o vento estava muito bom para não ser aproveitado. Passou por uma das ruas que tinha passado na última vez que tinha provado da noite e avistou uma mulher de pé, olhando para as pessoas que passavam, surpreendido por ela ser familiar, pois era ela. Ela estava lá, usando o broche mais que familiar, um presente cortês, com um vestido rouge. O vestido tinha um pequeno e sutil decote quadrado e bege, as mangas que chegavam ao cotovelo, as camadas de tecido da cor forte e escura eram proeminentes no tórax dela formando um “U”, se encontrando na cintura, bem definida pelo desenho da costura da peça e pelo corset, com grandes botões do mesmo tom, gerando um destaque no detalhe calculado, tendo a saia do vestido solta e longa. Ela estava com o cabelo longo preso no topo da cabeça com o volume sendo distribuído para todos os lados da cabeça, como Lily Elsie. Era, realmente, uma representação fiel de Gibson Girl. O lindo e delicado broche de rosa vermelha

recebia muita atenção em suas vestimentas. Ela estava do jeito que Lesocchi lembrava, ficando exaltadamente alegre ao vê-la usando seu presente, pois isso mostrava que ela se recordava dele. Indescritível é o sentimento de ser lembrado, memorável é o sentimento de saber que é real para o outro, também. Do amor, ele nunca esperou mais do que lembranças. Mas, nesse momento, ele queria mais do que lembranças, ele queria o presente para ele e ela, queria a existência em conjunto por um momento que marcasse o sempre da humanidade, suficientemente pesado e leve, doce e amargo, feio e belo para que o contato equilibre o que há de desequilibrado. A incerteza de não saber se a veria havia sido um pensamento recorrente e cruel.

Foi lá falar com ela, e para sua feliz surpresa, logo foi reconhecido por ela. Foi incrível que houvesse o reconhecido com aquele tecido no pseudo rosto, mas aquilo era o que mais marcava sua presença. Talvez por só ter olhos, eles eram mais que profundos, provava que eram as janelas de sua alma. Ela o abraçou, coração tocando coração, com um sorriso autêntico e olhos brilhantes olhando para os dele. Entrelaçaram os braços, um se rendendo ao outro, e decidiram andar pela cidade. De braços dados, conversaram até avistarem um parque, que decidiram que seria o próximo destino. Em um dos bancos, sentaram-se. Belíssima é a noite quando está maximamente escura, pois assim se vê o brilho das pessoas. Lá conversaram ainda mais, até que o silêncio dominou o ambiente e, por um minuto, o brilho dela atingiu seus olhos de modo que poderia cegá-lo, e ela o beijou. Eram Os Amantes de Magritte. Como que Lesocchi foi beijado? Ele não tinha boca? Bem, tem coisas que não sei explicar e nem faço questão de fazê-lo. Ela o beijou por cima do lenço e deixou uma leve marca de rouge onde seria seus lábios, incríveis são as coisas que as mulheres conseguem fazer. Nesse momento, ele pouco se importava na ausência debaixo do tecido sedoso, já não era incompleto, se algum dia tivesse sido. Sejamos completos

como nós somos. O tempo, por sua natureza, passou e deixou Sineface, quando ela, que por mais que queria permanecer com ele, precisava retornar, checkou seu relógio de bolso, sem fôlego ao bater o horário de levar sua dama para casa como um real cavaleiro faria. Se levantaram, e foram a caminho da casa de sua amada, não muito longe dali, a deixando na porta de sua casa, se despediram com palavras e mais um beijo e ela entrou, o deixando sozinho. Ele, por necessidade e não vontade, voltou para casa, com a cabeça nas nuvens, maravilhado com os acontecimentos daquela noite. Oh, belíssima noite, não nos olvide, não nos maltrate com a luz, faça de nós seus proleitos e permita-nos na escuridão enxergar e a memória guardar. Talvez Sineface não fosse apenas olhos sem rosto, talvez houvesse muito mais dele. Talvez, não faltasse nada nele, nem em mim e nem em você.

Layla Azoubel



Layla Azoubel é uma escritora nascida em Recife, Pernambuco. Escreve desde os 16 anos, tendo começado com crônicas e contos intimistas, existenciais e filosóficos.



UM DIA QUE ACONTECEU...

Com tantas coisas acontecendo dentro da casa de Lúcia, era difícil compreender o que se passava fora dali.

Uma noite, um dia... tudo parecia sempre igual, exceto pelo badalar dos sinos da igreja, que fazia o vento soprar mais forte e melancólico.

Os sonhos de Lúcia eram vagos, quase sem expressão. Chegara a hora de ir ao encontro do tremular do rio, que parecia simplesmente sussurrar que era o momento de passar horas e horas apreciando os espetáculos da terra.

Era possível ver as crianças sorrindo, e tudo aquilo parecia singular, límpido, como se pertencesse a outro mundo.

Um dia e uma noite. Esse era o tempo que ela tinha para apreciar aquela pacata cidadezinha do interior.

O paraíso estava ali, evidente: flores amarelas e vermelhas, pessoas andando de um lado para o outro com sorrisos suaves e, ao mesmo tempo, ligeiramente enigmáticos.

Enquanto isso, meu refúgio pessoal era um quarto escuro, onde eu não conseguia encontrar abrigo concreto além das noites profundas do meu próprio ser.

Já era quase noite, e Lúcia estava cansada de vagar pelos próprios pensamentos, embalados pelo som das águas do rio.

Uma mão pousou suavemente sobre seu ombro. Era uma mão fria, pesada, mas carregada de esperança. Lúcia virou os olhos em direção àquela presença para encontrar algo que, pela primeira vez, tocava sua blusa de algodão cru de forma tão preciosa.

O frio percorreu seu corpo, mas apenas um gesto caloroso poderia dissipá-lo.

— Posso sentar ao seu lado? — perguntou Erick.

Lúcia engoliu em seco e olhou nos olhos daquela figura desconhecida.

— Vou ter que ficar em pé por muito tempo? — brincou ele, arrancando um sorriso dela.

Ela consentiu, e ele sentou-se ao seu lado.

— Erick, o que você quer de mim? — perguntou Lúcia.

— Sabe... gosto de pessoas que conectam sua vida à natureza. Parece que elas fazem parte dela.

Erick respirava fundo, quase absorvendo aquele ar puro.

— Estou aqui só para passar o tempo. Não tenho muito o que fazer por aqui — respondeu Lúcia, esfregando as mãos.

— O que faz durante a semana? — perguntou Erick, exibindo um sorriso largo.

— Trabalho em uma cafeteria — respondeu com certo entusiasmo.

— Cafeterias geralmente funcionam melhor nos fins de semana, não é?

— Sim, graças a Deus! Estou de folga hoje. — Foi a coisa mais engraçada que ela tinha dito a alguém em anos.

— Então, vou me considerar um homem de sorte. — Erick ajustou o colarinho da camisa.

— E você? O que faz da vida? — perguntou Lúcia.

— Eu encontro almas perdidas — respondeu num tom misterioso.

Lúcia sentiu um arrepio. Ela tinha um medo específico do sobrenatural e, ao ouvir isso, levantou-se abruptamente, ajeitando o vestido florido amarelo.

Erick tinha cabelos loiros e ondulados, uma estatura mediana e olhos claros, quase apáticos. Seu sorriso, no entanto, era encantador.

— Bom, então acho que você se enganou... Eu não estou perdida — disse ela.

— Espero que não esteja mesmo. Você parece corajosa demais para ter medo das minhas palavras.

Lúcia achava curioso como, naquele instante, nada e ninguém poderiam estar tão próximos dela quanto aquela presença estranha.

Ela voltou a sentar-se, e a tarde pareceu escurecer rapidamente em meio a risadas contagiantes.

Já eram quase sete horas da noite quando Lúcia percebeu que a realidade a chamava de volta. Erick sugeriu que caminhassem juntos até o ponto onde poderiam seguir suas vidas separadamente.

Lúcia se despediu com um beijo no rosto, e a noite terminou com o frio intenso que a fez entrar em casa apressada. Fechou a porta e, por um instante, suspirou profundamente.

"Esqueci de pedir o número dele... Que espécie de tonta eu sou! A única pessoa que me dirigiu a palavra nesta cidade, e eu esqueço de pegar o telefone."

— Ah, Lúcia! — murmurou para si mesma.

Na manhã seguinte, o dia frio e o café quente pareciam o combustível ideal para sair da cama.

Lúcia adorava servir pessoas no trabalho. Por um instante, sentia que podia entender o que cada cliente queria apenas ao olhar nos olhos deles. Talvez fosse por isso que havia conseguido o emprego tão rapidamente.

Uma mulher, sempre às segundas, pedia café com bolo de morango. Dizia que era a única maneira de enxergar cor novamente na vida.

Um homem que perdera o emprego sentou-se um dia e pediu um café forte e um pão de cebola. Era um pedido curioso, mas ele explicou que precisava de algo "estranho" para validar sua existência naquele momento.

Era engraçado como as pessoas associavam suas vidas a comidas. Eu, porém, associava a minha à leitura e aos filmes.

Por um instante, me perguntei qual seria a comida favorita do rapaz misterioso do fim de semana.

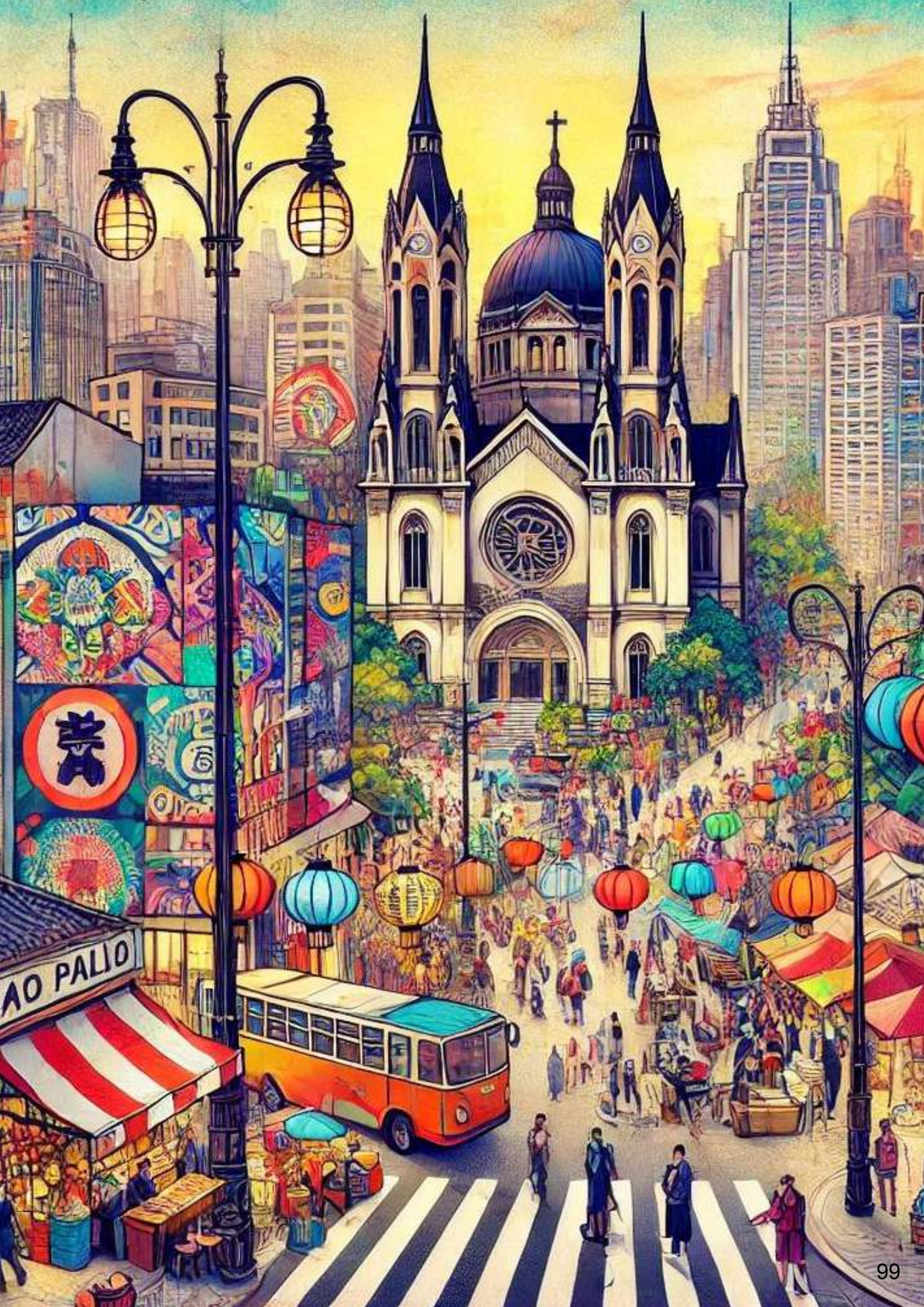
Quando meu turno terminou, fui diretamente ao rio, na esperança de encontrar, talvez, o amigo que me fizera feliz por uma tarde.

Nada foi revisto, nada encontrado, mas há uma serenidade em fechar os olhos e saber que tudo isso... um dia aconteceu.

Patrícia De Azevedo



Olá, sou Patrícia! Trabalho como social media e copywriter, criando estratégias e medidas para o varejo. Além disso, estou me especializando em neuromarketing e desenvolvimento humano, áreas que têm tudo a ver com minha paixão por conectar propósito e ação. Sou uma pessoa que ama literatura, e autores como Virginia Woolf me inspiram a enxergar a profundidade das palavras e aplicá-las tanto na escrita quanto na vida. Recentemente, comecei a oferecer mentoria em qualidade de vida, orientação pessoal e espiritualidade, porque acredito que podemos transformar nossas vidas e como dos outros quando nos dedicamos a algo maior. Quando não estou trabalhando, você pode me encontrar com um café quente, um bom livro e ideias borbulhando sobre como ajudar as pessoas a viverem com mais propósito e leveza. Estou sempre buscando evoluir, tanto pessoal quanto profissionalmente, e adoraria compartilhar experiências e crescer juntos! Instagram: @patdeazevedo.



CIDADE DESVAIRADA

"SÃO PAULO É O MUNDO TODO DENTRO
DELE, CHORANDO E RINDO DE EMOÇÃO."

VÂNIA COELHO

São Paulo, uma das maiores metrópoles do mundo, é uma cidade colorida, multifacetada, de cultura híbrida e assimétrica. Ela é oralidade e pictografia, *langue* e *parole*. É movimento, sinergia, lirismo e inspiração. Abriga etnias variadas que se juntam para criar a identidade paulistana e paulista, originárias do negro, do índio e do europeu. Que coisa linda é o brasileiro! Que coisa linda é São Paulo!

É a cidade dos sonhos, do emprego, do salário mínimo, das iluminuras, dos muros grafitados, dos bares noturnos que cantam gentes e jazz ao mesmo tempo. São Paulo do Largo do Paissandu, cujo nome (antes) era com c cedilha: Paiçandu. Da Estátua da Mãe Preta, de Júlio Guerra. Do Parque Ibirapuera, das bicicletas que vão e vêm pelos corredores, apreciando a natureza, contemplando os diversos tons de verde e assistindo o espetáculo das Águas Cantantes. Do piquenique à leitura de livros, da ginástica às caminhadas, o espaço urbano do Ibirapuera tem de tudo um pouco. Tem beleza, tem imensidão, tem calma.

São Paulo da Liberdade, que mostra a cultura e a gastronomia japonesas, com suas festas cheias de dragões cintilantes e uma música inebriante vinda dos tambores. E pula o dragão, e samba e rodopia e salta no ar anunciando o Ano novo. Cenário que representa a imigração, a multiplicidade, o cruzamento de etnias e culturas: as ascendências e as descendências — a miscigenação.

São Paulo da Benedito Calixto, com suas barracas de salgadinhos e doces, com seus vendedores de discos e vitrolas, de roupas usadas e coisas antigas. São Paulo do Largo do Arouche; da Praça da República com suas feirinhas de artesanato, dos bares, cujas mesas se alargam pelas calçadas, e as pessoas bebem e conversam assistindo, gratuitamente, os malabarismos dos skates: e os meninos saltam, girando uma e duas vezes, no ar.

São Paulo da Praça Franklin Roosevelt, na Consolação, cujo Teatro dos Parlapatões apresenta peças de Sade à Giovanni Boccaccio, oficinas culturais que desnudam o modo de ver a vida e a sociedade. Lá, entre outros teatros paulistanos, a literatura e a filosofia comandam a vida social, política e religiosa da cidade, do Brasil e do mundo. São Paulo dos Nordestinos.

São Paulo da grandeza arquitetônica da Igreja da Sé — com seu estilo neogótico, suas palmeiras, sua beleza medonha; a grandeza do Pátio do Colégio; do Mosteiro de São Bento; do Teatro Municipal. A Sala São Paulo que inunda de músicas eruditas as paredes e a atmosfera local — transformando hinos em consagração divina: Holy. Holy. São Paulo Histórico e suas dezenas de museus.

São Paulo italiano do Bixiga, dos restaurantes verde e vermelho entre as massas das cantinas, do aroma e do sabor do fettuccine a carbonara, do tagliatelle, do rigatoni e do ravióli. Bairro do vinho decantado que se bebe em festa, batendo palmas ao som da Tarantela.

São Paulo da Vila Madalena, dos bares culturais abertos e acesos até altas horas da noite. Dos restaurantes que representam o mundo gastronômico inteiro. São Paulo da Avenida Paulista, pôster da cidade, lugar onde as pessoas se sentem à vontade para ser quem desejam — sem medo da opressão, entre aspas.

Dos cinemas de rua, como o Reserva, o Belas Artes, os cines que já foram do Unibanco e do Itaú Cultural, na famosa e delirante Rua Augusta,

cuja cultura cinematográfica amplia-se em conhecimento para ofertar ao espectador sabedoria e estética contemplativa. São Paulo do Athenas; do Violeta; do Ibotirama; do Rock Bar 472; do Sancho Bar Y Tapas; da Veridiana; do Terraço Itália; do Urbe Café; do Conjunto Nacional; do Sujinho; das baladinhas.

São Paulo cheio de cor e desejo: cidade viva anfitriã de outros espaços e culturas. São Paulo, palco do cinema, do teatro, da dança, da fotografia, da ópera e dos ébrios, dos bêbados, dos palhaços, dos pedintes e dos músicos que, por qualquer moeda, cantam Elvis Presley, Michael Jackson, Elis Regina e Rita Lee, nas calçadas, nos átrios.

São Paulo que abriga os depressivos, os desiludidos, pessoas cheias de arrependimentos, de amores desfeitos ao vento, de promessas jogadas, de juras traídas, nas longas noites de verão, nas noites de inverno e nas outonais. Lugar de encontros e despedidas. São Paulo dos metrô subterrâneos, sempre lotados de trabalhadores, esmagados e espalhados pelas linhas vermelha, verde, amarela, lilás... São Paulo da garoa, das enchentes, das favelas, das praças, das pinceladas de crianças nos balanços, de mendigos sentados num canto à beira das árvores, dos escorregadores vivos, dos namorados, dos catadores de latinhas e papelão. São Paulo do luxo e do lixo. Da Galeria do Rock; do Museu do Ipiranga; do Mis; do Masp de Chateaubriand e do MAM. São Paulo do Brás, do Bom Retiro, da 25 de Março. São Paulo do Memorial da América Latina.

São Paulo do Shopping Higienópolis, das ruas com nomes de estados brasileiros, dos prédios antigos ao lado dos modernos. São Paulo da Avenida Angélica, das livrarias e dos hotéis de luxo, das pensões, dos albergues. São Paulo das universidades, da USP; do Anhangabaú e do Morumbi. São Paulo poesia, tristeza e alegria. Cidade desvairada dos modernistas, do Concretismo dos irmãos Campos e Décio Pignatari. São Paulo dos cordéis, da Parada Gay, luta ininterrupta pela liberdade de ser e existir. São Paulo

de Caetano que canta: “alguma coisa acontece no meu coração que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João”.

Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do **Cinco Minutos UnG** e coordenadora do **UnGNews**. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De*

Prima, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: História e Resistência; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.



MEMÓRIAS PANDÊMICAS

Eu sempre fui uma criança muito observadora. Apesar de não ter uma visão das mais potentes, ainda assim, desde cedo pus meus olhos ao exercício da atenção. Lembro-me de que durante as saídas com minha mãe para o centro da cidade, eu sempre observava as pessoas, seus andares, suas roupas e suas formas de falar. Aquela que me chamasse muita atenção fazia-me fixar os olhos, de modo que eles acompanhavam-na até eu ficar completamente fora do campo de visão. Mainha logo percebia e, encabulada, tentava me alertar: um leve puxão no braço com o “Olha pra frente, menina!” era o suficiente. Pois é, geralmente eu e os meus olhos nos sentíamos tão presos que, mesmo andando, continuava a olhar e olhar e olhar... O pescoço virava, às vezes o corpo também, e continuava a olhar e olhar e olhar... O que eu sentia? Será que isso é tão importante assim?... Eu não consigo dizer, eu apenas olhava... Mas algo que poucos sabiam, possivelmente só eu mesma e a minha mãe, já que as mães costumam conhecer mais de nós do que nós mesmos, era que ao tempo que o meu olhar se voltava para os outros, pouco ou nunca se voltava para mim. Durante toda a minha infância meus olhos se condicionaram a enxergar o outro, mas eu não conseguia me atentar a mim mesma. Minhas emoções e minha história foram, aos poucos, se tornando indiferentes.

Eu fui crescendo e a memória do som dos pássaros no calçadão ainda perpetuava. Vira e mexe, aliás, deparava-me com a voz do tio da esquina ecoando na minha cabeça: “Olha o cavaco chinês!!!”. As cores e o cheiro daquele lugar inquietavam-me ao ponto de ver na ida ao centro uma válvula de escape para meus dias profundamente entediados, infinitos... Eu via prédios coloridos, como aqueles de Portugal; eu sentia cheiro de pipoca, de pamonha, de chiclete... Tudo junto! Como as pessoas que circulavam por ali. Parecia tudo

tão normal para tantos mas, para mim, não... Parecia um real fantástico: real porque eu vivi e senti, fantástico porque era isso que eu me via pensando e imaginando sentir de novo boa parte do meu tempo. Porque sim, era esse o meu mundo, e era essa a minha forma de vê-lo; era esse o ofício da minha infância: o desejo.

Míope e estrábica, passei muito tempo trocando os óculos, a cada ano era um grau e uma armação diferentes. Já que me mantinha presa às aspirações da minha mente e à observação das pessoas, algo precisava soar como novidade e, se não fosse algo que me ajudasse a me enxergar melhor, que não fosse nada. Duas cirurgias de correção visual: sem muito sucesso. Uso de lentes de contato: sem muito sucesso. A sensação era de que os olhos pesavam, assim como minha alma.

Foi desse jeito que acordei hoje aos 33 anos: melancólica, lembrando da minha infância presa em cores e espaços. E isso é engraçado porque ainda me sinto nesse processo: estou presa em memórias, trancada em casa, em volta das flores do meu jardim e dos latidos das minhas cadelas. Estou numa pandemia. Mas por que cargas d'água eu haveria de lembrar da minha infância enquanto todo o mundo, literalmente, está trancafiado em casa? É, no mínimo, masoquista pensar em liberdade quando não se pode sair, não? Por que minha mente passou por esses momentos?

E logo depois que essa nuvem de memórias surgiu, meu pai chegou aqui em casa. Sim, eu disse a ele que era perigoso sair, mas imediatamente ele respondeu: “Não se questiona a saudade, fia. Eu tô de máscara”. Engasguei. Engoli as lágrimas e não segurei o abraço. Abracei painho e o puxei para o sofá.

Enquanto eu varria a casa que, por sinal, estava repleta de pêlos, poeiras, folhas e tudo que uma casa cheia de plantas e animais pode oferecer, ele falava sobre os amigos que tinham partido por conta da doença misteriosa. O mundo está um caos. Todo dia um grande número de mortes nos apavora. E no meio de suas lamentações, ele disse: “O que vai ser do mundo, minha fia? Se tem

gente que não morre da doença, morre de fome. Gente que trabalha vendendo suas coisinhas, como faz? Não faz, minha fia. Não faz. Eu tô triste.”

Nesse momento eu parei, sentei e fiquei olhando para ele. Percebi então que painho não tinha aparecido em minhas lembranças mais cedo. Eram só eu, o centro da cidade, mainha, o tio do cavaco chinês e os passarinhos. Isso me deixou muito curiosa, ensimesmada, na verdade. A partir daí comecei então a rememorar os momentos que passei com ele: as vezes que me levava para a escola, que me ensinava a andar de bicicleta, que me deixava de castigo porque derrubava o açúcar e o arroz da nossa Mercearia, que nos levava para a praia com nossos cachorros... Meu pai continuava falando, desabafando, e eu estava completamente imersa nas memórias que ele também me ajudou a construir.

O sol começou a se pôr e ele foi embora, foi para casa de máscara e com sua simplicidade de sempre, a simplicidade absoluta capaz de transcender apenas com as palavras. Meu pai. E mais cedo, minha mãe.

Resolvi deitar na rede e pensar na graça e nos mistérios da vida. Tinha acabado de passar por um dia conflituoso, eu diria, porque, afinal de contas, por quantas vezes nos permitimos rememorar nossa vida? Por quantas vezes nos deixamos sentir pelos afetos gestados pelos nossos? Será que pensamos sobre a importância de nos conhecermos através da convivência com essas pessoas? Percebi então que durante muito tempo eu estive presa no desejo de me compreender, e durante esse processo eu me esqueci do mais importante: ver-me. Não com os olhos físicos, mas com os olhos da minha história.

E enquanto a rede balançava eu senti que minhas memórias passaram a dar voz ao baú das emoções, meu passado passou a dar mão ao meu presente e meu coração passou a dar vazão ao meu eu. Estamos confinados, mas, hoje, o meu olhar me confessa que a paz comigo mesma é a atenção mais nobre que eu posso me dar.

Roberta Dayne



Roberta Dayne é Mestra em Culturas Populares pela Universidade Federal de Sergipe e Licenciada em Letras Português pela mesma instituição. É especialista em Educação Indígena, Diversidade Linguística e Comunicação na pós-modernidade. É poeta e brinca de ser atriz. Já compôs cordéis para Quadrilhas juninas e permanece compondo para dançar com a vida. Em atividade docente, esteve lotada no Departamento de Administração da Universidade Federal de Rondônia como Professora Substituta de

Comunicação e Linguagem e na Rede Sesi de Sergipe como Professora de Linguagens do Ensino Médio. Possui experiência em pesquisas que abarcam a Análise do Discurso, Cultura, Memória e Identidades. Sua pretensão mais evidente é investigar os fenômenos ocorridos na sociedade e suas manifestações, de maneira que possa contribuir para o desenvolvimento de tarefas que alcancem o interesse sobre os aspectos da linguagem e suas representações políticas e culturais.



DIA DE CHUVA NA CIDADE

É um dia de chuva intensa na cidade. Entro em um café para fazer meu intervalo diário, escolho uma mesa, encontro meu lugar e peço à atendente um café expresso clássico — nem muito doce, nem muito amargo. Também peço alguns biscoitos amanteigados e começo a observar o local enquanto escrevo para vocês.

Percebo que outras pessoas ao meu redor tiveram a mesma ideia: aproveitar o intervalo do trabalho ao meio-dia na cidade, talvez para escapar do trânsito, que em dias de chuva se torna caótico em qualquer lugar do planeta. Algumas estão aqui pela correria e a falta de tempo para um almoço tranquilo; outras estão sozinhas, mas não solitárias. Há quem esteja, sim, na solidão, mas também há reuniões de negócios acontecendo, encontros entre amigos e amigas e até um casal se conhecendo, encantados um com o outro enquanto tomam café descontraidamente.

Ah, o amor... Sim? Não? Talvez? Quem nunca passou por isso? E, claro, há aqueles que estão aqui apenas por lazer, desfrutando o momento sem pressa.

Enquanto observo tudo de longe, penso no quanto nos preocupamos, muitas vezes sem necessidade. Essa "pausa" para o café é, na verdade, a vida acontecendo em si mesma. Mesmo com problemas ou desafios, tudo pode ser resolvido de alguma forma.

A vida é poesia, uma bela crônica escrita por Deus em cada instante, mesmo que você não perceba. E, quando percebemos, ela é ainda mais bela. É o cotidiano, a simplicidade do ser, que nos mostra como a vida é extraordinária mesmo nos pequenos momentos.

Suélen Ferreira Moreira



Meu nome é Suélen Ferreira Moreira. Sou gaúcha, nascida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro. Sou técnica em Contabilidade, cursei a Faculdade de Tecnologia em Marketing e também estudei Espanhol. Atualmente, trabalho no ramo da moda há mais de 10 anos, atuando com vendas no comércio varejista. Sempre tive uma grande paixão por escrever e ler. Agradeço primeiramente a Deus por esse dom que Ele me deu, à minha família pelo apoio constante e às amigas maravilhosas que conquistei ao longo dessa jornada. Meu especial agradecimento vai para a Revista Autorretratos pelo reconhecimento do meu talento, pelo carinho ao lerem minhas crônicas e pelo incentivo que me deram para continuar escrevendo. Isso trouxe maior visibilidade e oportunidade para um trabalho que eu tanto amo! Acredite nos seus sonhos! Contato: contato@sumoreira13.



(A)CORDA

Ainda não nos tínhamos encontrado e já estávamos sentados na ponta mais angular de uma cadeira de uma mesma esplanada. Até esse dia, que não foi o nosso primeiro dia, as esplanadas eram para mim espaços virados para o mar. Até esse dia, eu sentava-me em cadeiras perto dos areais com uma corda laçada entre mim e o mar. Aí permanecia, ancorada ao mar, somente pela vontade e não por âncoras. Nenhum peso prendia a ponta da corda mergulhada no mar, daí que quando o vento me agitava e animava os poros, levantava-me e seguia para casa, a arrastar a corda, molhada numa ponta, salgada em toda a sua extensão, impregnada de horizonte. Ali permaneci, nesses dias que antecederam aquele em que estive-mos lado a lado no desconhecimento da existência do outro.

Até ao dia, aquele que imaginaste contar-me infinitas vezes, pois na minha crença nós não lhe pertencemos, eu não te pertenci, tu não me pertenceste. Para mim, as esplanadas eram o lugar onde estendia a minha umbilical ligação ao mar, a permissão geográfica de sonhar com o para além do horizonte. Para ti, uma esplanada, era um lugar de estar. Um lugar que era um fim em si mesmo e em que nada podia acontecer, onde podias não sonhar, pouco importava.

O dia.

A meio de uma semana, na praça seca e oca, sentada na ponta mais angular da cadeira da esplanada, também ela seca e oca, enlaçada na extensão total da corda, olhava nada, espraia-me para sítio algum, porque ali não havia horizonte. Presa pelo peso de toda a corda, prostrei-me. Na mesa ao lado tu eras conforto no vazio seco e oco.

Sentados da mesma forma, pendendo o corpo para a mesma frente, uma sofria a ausência de infinito, um descansava na segurança da finitude. Podíamos ter sido sempre isso, pessoas paralelas numa praça a vivenciar

os mistérios que não se compreendem: o tudo e o nada. A empregada, no entanto, tornou-nos perpendiculares ao trocar os nossos pastéis de nata. O teu, sem canela nem açúcar em pó, veio parar à minha mesa. Eu, que queria tudo no meu pastel de nata, via-o pousado na tua mesa. Fomos expeditos a corrigir o erro. Sorriste e agradeceste. Eu mantive o sorriso fechado, mas agradei, baixinho, quase inaudível.

Na semana seguinte, eu já não estava na ponta mais angular da cadeira, muito pelo contrário, estava completamente recostada. Sem nada para ver para além do que estava à minha frente, sem compreender o vazio, precisava de um abraço que me agarrasse e me mantivesse inteira. Tu chegaste e viste-me assustada, a desmoronar-me. Olhaste para mim e sem cruzarmos o olhar tu perguntaste se podíamos partilhar a mesa. Acedi.

Perguntaste todo o tipo de vulgaridades que supostamente identificam uma pessoa no mundo.

Desafiei-te:

- Se te perguntasse o que é o tudo ou o nada qual preferias explicar-me?

Num impulso:

- O nada.

Tenta, disse eu:

- O nada é paz, é ausência de preocupações com o que existe hoje ou com o que virá amanhã. O nada apagou os acontecimentos de ontem. O nada aceita a esperança e a desesperança, a pobreza de espírito e a audaz coragem de sonhar. E também não é nada disto que te disse, e está tudo certo.

Percebi-o. Como já o tinha percebido na primeira vez que o vi sentado na ponta mais angular da cadeira a pender par o conforto do vazio seco e oco.

Salvei-nos:

- Nós podíamos hoje ser infinito. Continuarmos juntos pelo tempo como possibilidade. Mas, tu conheces o nada e ele dá-te colo. Eu desconheço o infinito e quero continuar pelo tempo a viver na angústia de não conceber os seus limites. O infinito dá-me sonho.

Nunca mais me sentei naquela esplanada.

O destino, os pastéis de nata e a empregada distraída não são suficientes para despolarizar fenómenos como o tudo e o nada. Por isso, aquele dia não foi o nosso primeiro dia, pois nós não lhe pertencemos, eu não te pertenci, tu não me pertenceste.

Nunca mais me sentei naquela esplanada.

Fui caçar horizontes.

Cláudia Chambel



Cláudia Chambel vive em Portugal. Estudou teatro e recentemente publicou a obra *Caleidoscópio - Olhar o Belo em III Actos*, uma obra teatral disruptiva sobre identidade de género, eutanásia, parentalidade, amor e fidelidade. Tem desenvolvido a sua carreira profissional na área da educação social, em contexto de acolhimento residencial de adolescentes em perigo. É licenciada e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Évora e doutoranda na mesma Universidade. Estuda o sucesso académico, o desenvolvimento integral e a inclusão social de jovens em acolhimento residencial. Tem realizado comunicações em congressos e publicado artigos científicos em Portugal, Brasil, EUA e

congressos internacionais. A literatura é o campo de expressão de emoções, crenças, sonhos. claudia.chambel@fa.uevora.pt.



A MULHER DA BEIRA DO RIO

Nasci numa fazenda de cana-de-açúcar em Pernambuco. Filha de uma negra, escrava da fazenda, aos onze anos, fui dada de presente para a avó da amante do coronel Augusto. Claro que esse não era o seu nome verdadeiro, assim como de todas as pessoas desta história. Na fazenda, a sina era trabalhar dia e noite, procriar, ser vendido, oferecido, dado como presente, trocado por objetos, leiloado e para pagar dívidas de jogos.

Naquela nova fazenda, hoje sei que ficava em Alagoas, de todas as pessoas que conheci em minha vida, apenas o coronel Augusto, via de longe, quando ele ia visitar minha nova ama, sinhá Lúcia. Era uma mulher muito bonita. Seu marido, o coronel Francisco, ficou parálítico, quando da queda de um animal. Não se levantava da cama para nada. Mas isso não o impedia de comandar e maltratar toda a negrada. O coronel Augusto era compadre do coronel Francisco. Batizou seu único filho, que nasceu e logo morreu. Foi o que fiquei sabendo. Talvez isso tenha feito com que a sinhá e o coronel Augusto esquecessem que eram compadres. Com a desculpa de ajudar o compadre, o amante da sinhá fazia e desfazia lá na casa-grande. Todos temiam o coronel Augusto e, ao mesmo tempo, odiavam o coronel Francisco. Ouvi muitas vezes os negros dizendo:

- Bem feito... o que a sinhá faz com ele! Ele merece!!

Mesmo sentado, trazia, sempre, um chicote de couro nas mãos.

A sinhá tinha um irmão, longe do Brasil. Eles eram os únicos herdeiros de tudo o que os pais deixaram. Da família da sinhá, fora o irmão, só restava a avó materna dela. A sinhá velha, dona América, vivia no mundo da lua, falava uma língua que ninguém entendia.

Difícilmente, a sinhá ficava ao lado da avó. Mas exigia para que ela nunca ficasse sozinha e fosse muito bem cuidada.

Eu preparava seu banho, sua roupa, colocava a comida na sua boca e ficava o dia todo ao seu lado. Aprendi a amá-la do seu jeito e sei que ela também me amava. Tratava-me carinhosamente e, às vezes, deixava-me dormir aos pés da sua cama. Quantas vezes, acordei assustada com ela me alisando a cabeça!

Apanhava da Josefa, quase todos os dias, sem motivos. Ela, simplesmente, descarregava sua ira em cima de mim.

(Fala-se demais dos maus-tratos dos brancos, mas entre os negros, também há muito sofrimento).

Aqueles que gozavam da simpatia de alguma senhora bondosa ou caprichosa, não ajudavam os irmãos infelizes, como eu. Pelo contrário, usavam esse privilégio para nos massacrar ainda mais. Deixavam de ver-nos como eles próprios, sim, como os brancos nos viam: tratados como verdadeiros animais.

Josefa era uma negra alta e forte, encarregada da casa-grande. Todos os escravos internos estavam sujeitos às suas ordens. A gente só comia o que ela permitia. Vivia vestida com trapos e descalça. Artur, muito bondoso, coitado, era obrigado a fazer tudo o que mandavam, como exemplo, raspou minha cabeça.

Desde a minha chegada naquela casa, Josefa olhava-me de rabo de olho. Senti sua repulsa desde o instante que me entregaram a ela. Ela me foi informando que, dali em diante, o meu nome seria Espinhosa. Gargalhando, disse-me:

- Eu olho para a cara da negra e o que eu achar parecido, será seu nome. Você se parece com um mandacaru, onde nem os pássaros gostam de passar por perto. Por isso, seu nome será Espinhosa.

Eu era muito magrinha, pele e osso.

Minha primeira surra foi no outro dia, logo após minha chegada. Estava com medo de ir ao mato urinar, e como não conhecia o ambiente, fui dormir com a bexiga cheia e urinei na esteira. Com a surra de chicote de couro, os vergões incharam e as marcas ficaram no meu corpo.

Quando terminou o dia, estava morrendo em pé. Ela me chamou, encheu um saco com roupas sujas e disse-me:

- Vá até o rio e lave toda essa roupa, não me importa a hora que você irá terminar. Só apareça com toda essa roupa limpa e bem limpa, senão voltará ao rio e ficará até amanhecer. É noite de lua, está claro, assim você perde o medo de uma vez e nunca mais vai mijar na esteira, negrinha preguiçosa.

Saí, chorando baixinho, pedia à minha mãe, onde ela estivesse, que me protegesse. Sem saber o que poderia me acontecer, saí tremendo e chorando.

Alguns negros rachavam lenha, outros carregavam água na cabeça, limpavam os terreiros ao redor da casa. Alguns pisavam sal, arroz e café, todos trabalhavam, ninguém parava.

Chegando ao rio, fiquei apavorada com a cena que deparei: homens e mulheres totalmente nus tomavam banho.

Assim que cheguei, me cercaram. Os homens olhavam-me dum jeito estranho, uma das mulheres falou-lhes:

- Não mexam com ela, esperem a ordem do senhor, ainda é uma criança.

Tempos depois, descobri que esses homens eram os reprodutores da fazenda. Naquele dia, à beira do rio, como era de costume, faziam seu trabalho com as infelizes escravas. Meu suplício começou a partir daquele instante.

Durante o dia, não parava um minuto, atendendo a sinhá velha. Ao cair da tarde, uma negra velha ficava com a sinhá, até o meu retorno do rio. Antes de escurecer, saía correndo com as roupas sujas da sinhá para lavar e, já escuro, voltava com as roupas limpas e as pernas tremendo de cansaço e fraqueza.

(Agora, olhava-me nas águas do rio que servia de espelho. De tão magra que era, achava-me, realmente, parecida com um espinheiro).

Assim, passava o tempo. Essa era a minha vida.

Após anos que estava na fazenda, fiquei mocinha. Já estava mais entrosada com algumas negras da casa. Até Josefa já não me incomodava tanto. A sinhá velha já não andava. Todos os dias, dois negros levavam-na para tomar sol no alpendre da casa e eu ficava o tempo todo ao seu lado.

Certa tarde, estava tomando conta da sinhá velha, quando apareceu uma carruagem linda, era um luxo só. Fiquei boquiaberta, parada, olhando para a carruagem. Dois negros ajudaram a descer um fidalgo, branco como algodão, de cabelos da cor de fogo e olhos da cor de mel. Nunca tinha visto algo semelhante, um homem tão belo igual àquele.

O fidalgo veio correndo até perto da sinhá, chamando-a de vovó:

- Vovozinha, sou eu! Seu neto, Henrique.

A sinhá pareceu que não o ouvia, permaneceu indiferente. Logo, a sinhá Lúcia veio correndo, abraçou aquele homem e, chamando-o de irmãozinho, gritava:

- Que bom que você chegou! Graças a Deus, agora posso descansar um pouco de tanto sofrimento. Depois do acidente com Francisco, não vivo, meu irmão, sou uma morta-viva. Apenas trabalho como uma louca, dia e noite sem parar. Se não fosse meu compadre Augusto, não sei o que seria de nós.

Entraram abraçados na casa-grande. Ela chorava e ele a apertava nos braços.

Fiquei pensando, meu Deus, quanta mentira! A sinhá não levantava uma palha para nada. O compadre, amante, resolvia tudo para ela. Será que ela não tinha medo que ele descobrisse sua mentira? Então, aquele homem era o novo senhor que chegava das terras distantes!

O senhor modificou tudo na fazenda, o coronel Francisco foi mandado para outro lugar. Falavam que era uma casa onde só ficavam pessoas doentes. A sinhá foi fazer uma viagem para a terra distante, onde ficaria por muito tempo. O compadre acompanhou a comadre na viagem, visto que, o marido não tinha condições de acompanhá-la, devido à doença.

Então, o compadre ajuda a comadre...!

Era isso que se ouvia. Sabíamos que não era essa a verdade, eles eram amantes. Ouvi algumas mulheres falando, no rio, que a sinhá estava barriguda do compadre e, por isso, ia ter o sinhozinho longe dali.

Após a partida da sinhá Lúcia, dois meses depois, a sinhá velha foi acometida por uma febre com disenteria e morreu três dias depois.

Chorei muito, fiquei muito triste, eu amava de todo o coração.

Após o enterro, o senhor mandou chamar-me e perguntou o meu nome. Criei coragem e contei:

- Antes de chegar aqui, meu nome era Anália, mas dona Josefa me chamou de Espinhosa. É assim que todos me chamam.

Ele olhou para mim e perguntou:

- Você gosta do seu nome, Anália?

- Sim, meu senhor:

- Então, de hoje em diante, seu nome volta a ser Anália.

- Quantos anos você tem?

- Daqui a três meses, vou completar quatorze anos.

- Há quanto tempo está na fazenda?

- Há quase três anos, meu senhor.

- Então, você veio com onze anos, foi isso?

- Sim, senhor.

- Veio com seus pais?

- Não, vim sozinha. Fui dada de presente pelo coronel Augusto à sinhá Lúcia, para cuidar da sinhá velha.

- Seus pais são da fazenda de Augusto?

- São, meu senhor, embora eu não saiba quem é meu pai. Só sei quem é minha mãe; tenho dois irmãos, sendo um mais velho do que eu, e outro, mais novo.

- Bem Anália, agora que a vovó morreu, você vai trabalhar ajudando a Adélia, cuidando dos meus pertences pessoais, roupas, botas, gravatas; vai dar brilho em minhas abotoaduras, preparar minha bebida, meu banho e cuidar do meu quarto, para estar sempre limpo, você entendeu?

Estava tão feliz, que mal respondi 'sim, senhor'.

- Pode ir falar com Adélia, já dei ordens para ela ensinar seu novo serviço.

Passei a ver aquele homem como um Deus, pois tamanha era sua bondade. Reinava a paz, havia ordem naquela casa e os sofrimentos diminuíram.

Um dia, Adélia me chamou e, às pressas, fomos ao barracão, conforme as ordens do senhor.

- Ele comprou novos negros – comentou Adélia –, chegam ainda hoje. Vamos correr ou não dará tempo para colocar tudo em ordem.

Lá pelas quatro horas da tarde, avistamos um comboio, que vinha chegando na fazenda. Os feitores foram recebê-los e encaminhá-los aos barracões. Ficamos curiosas para ver os novos negros, donde viriam? Fiquei lembrando-me do dia da minha chegada e da tristeza de ter sido separada de minha mãe e de meus irmãos. Será que alguém também estaria ali na mesma situação que eu? Como era triste essa vida!

Noutro dia, o senhor me chamou logo cedo. Apresentei-me correndo.

- Anália, vá até o barracão das mulheres e pode ficar lá até ser chamada.

Ia perguntar o que deveria fazer, mas o senhor saiu sem se virar. Falei com Adélia o que deveria fazer lá... para só voltar quando fosse chamada?

- Não sei, é muito estranho, deixamos tudo limpo... em todo caso, vá! O que estiver sujo, limpe e arrume, mostre às mulheres onde fazer suas necessidades, faça o possível para não aborrecer o senhor.

Assim que entrei no barracão, olhei para aquelas mulheres e, ao deparar com o olhar duma delas, pensei que fosse desmaiar. Era minha mãe, mais magra e abatida, mas era ela que estava ali na minha frente. Atirei-me em seus braços, nossos prantos se misturavam com os de outras mulheres.

Quando nos acalmamos, minha mãe me disse que não sabia para onde tinham me levado. Já não acreditava mais me encontrar nesta vida, só no mundo da Luz.

O coronel, irmão da sinhá, tomava conta da fazenda do coronel Augusto, podia levar e trazer quem ele quisesse. Perguntei pelos meus irmãos. Eles ficaram na fazenda, não vieram homens, apenas quinze mulheres.

Compensou todo o meu sofrimento passado naquela casa com dona Josefa. Agora, eu era a pessoa mais feliz do mundo. Meu senhor era um anjo, eu tinha certeza. Falei dele para minha mãe, que ficou encantada e me disse:

- Vamos rezar para que ele continue assim, filha!

Horas depois, Adélia chegou me chamando. Conteí-lhe o encontro com minha mãe. Ela ainda não sabia o que iria fazer na casa, pois esperava as ordens do senhor.

Lembrei-me da dona Josefa, como era ingrata! Agora, não me atormentava tanto, porque eu estava com Adélia, que era uma criatura inteligente e bondosa a quem o senhor escolhera para cuidar dele. Eu era sua auxiliar.

Minha mãe foi para a cozinha ajudar a dona Engrácia, que era a criatura do céu. A mamãe sabia cozinhar muito bem e gostava da cozinha. Foi uma felicidade para nós duas. À noite, dormíamos juntas, conversávamos e fazíamos planos, como se fosse possível sonhar. Um dia, criei coragem e perguntei a ela quem era meu pai.

- Seu pai é Seu Januário, um dos reprodutores da fazenda.

Claro que eu o conhecia!

Calei-me, imaginando as cenas que vi diversas vezes à beira do rio. Estremeci de medo, pensando... se, um dia, meu senhor me obrigasse àquilo também? Afinal de contas eram a garantia para as fazendas. Minha pobre mãe foi obrigada àquilo e, mesmo assim, nos amava.

Dois meses depois, vieram meus dois irmãos e mais alguns negros conhecidos. Foi uma alegria, minha mãe vivia cantando e, à noite, fazendo suas preces, de joelhos, embaixo de um umbuzeiro. Eu sempre a acompanhava, agradecendo a Deus. Tudo caminhava bem, aquela fazenda parecia um sonho, todos sorriam e brincavam, éramos felizes! O senhor permitiu que os negros namorassem, contanto que fosse do seu conhecimento. Começaram, então, os casamentos, ele dava o dia de domingo para festejarmos e o próprio senhor fazia os casamentos.

Um dia, toda a fazenda se agitou, era a chegada da sinhá Lúcia e seu compadre. Foi um corre-corre e, para a surpresa de todos, ela chegou acompanhada de uma moça linda, parecia uma boneca de louça, tão bonita que era. Ficamos sabendo que era sobrinha do coronel Augusto. E, uma menininha, que era a cara do coronel, a sinhá falou para os amigos, que adotou como sua filha.

A sinhá moça, o que tinha de bela, tinha de má. Logo ela estava de casamento marcado com o bom senhor e a desgraça já recaía sobre nós. A primeira coisa que ela fez, após casar-se com nosso senhor, foi afastar Adélia e eu dos cuidados com o senhor. Nos empurrou para lavagem da roupa. Começou a cobrar do senhor as crias na fazenda, e que, se ele continuasse permitindo casamentos, logo os escravos seriam patrões e suas crias cresceriam rebeldes sem prestar obediência e respeito para com o senhor, dizia. Ela mesma cuidaria disso, escolheria dois ou três bons reprodutores e todas as mulheres, em condições de gerar crias, iriam ser fecundadas.

Eu voltei a lavar roupas, durante o dia inteiro à beirada do rio e vivia dentro d'água como um sapo, pulando aqui e ali.

Um dia, estava de costas esfregando roupas, quando senti uma mão tapando a minha boca e me arrastando para fora. Tentei me defender, mas era impossível vencer aqueles braços fortes. Ali mesmo, na beirada do rio, fui violentada como um animal qualquer. Fiquei estirada no chão chorando de dor e repulsa. Voltei para casa, caí na esteira e só tinha um desejo: morrer!

Foi nesse estado que minha mãe me encontrou, delirando, a roupa rasgada e ensanguentada. Logo ela entendeu o que aconteceu. Tentou me conformar como o nosso destino, a vida continuava e Deus olhava por nossa alma. Deu-me um banho quente, trocou minha roupa, fez um chá para eu beber.

Adélia chegou, segurou minha mão e disse:

- Anália, seja forte. Eu vou lhe dar, amanhã mesmo, o que venho dando para algumas mulheres da casa beber e jamais parir uma só cria para essa infame sinhá. É preferível morrer a ter que presenciar os filhos, passando por isso que você passou. E, não vai ficar só nisso, minha filha! De hoje em diante, você será do uso do homem que lhe tomou. Ainda vai passar nas mãos de outros com toda certeza, mas quando descobrirem que você não presta para gerar cria, aí, sim, você fica de lado como eu estou, graças a Deus.

Fiquei acordada muito tempo, chorando, lembrando como era feliz antes da chegada de sinhá moça, agora mulher do meu senhor. Ele, tão bom e justo e, agora, parecia também estar se acabando nas mãos dela.

O sofrimento assolava todos nós. O coronel Augusto fazia o que bem-queria na fazenda, sinhá Lúcia dedicava-se, dia e noite, àquela garotinha. O coronel Augusto se derretia todo e fazia todas as vontades da menina. Claro que todos nós sabíamos, eles viajaram e ficaram fora todo aquele tempo para que ela tivesse a criança e retornasse

sem dar motivos. Aos amigos, ela dizia que tinha adotado aquela menina que ficou sem pai e sem mãe.

No outro dia, ainda estava escuro, quando Adélia, nas pontas dos pés, me chamou. Levantei-me devagarinho e a segui. Entramos no mato, ela mandou que tirasse toda a roupa. Sentei-me num buraco forrado de folhas, ela despejou, um pote de barro, um líquido escuro, e me fez beber a mistura, que amargava como o fel. Fiquei ali por um bom tempo, parecia que estava paralisada por dentro. Ela me ajudou a levantar e, enquanto eu me vestia, ela cobriu o buraco, jogando galhos e folhas secas por cima da terra.

Como me disse Adélia, realmente, fui usada várias vezes por aquele homem e por mais alguns, mas não demorou muito para que fosse deixada de lado, pois não procriava, foi o que disseram.

A sinhá moça chamou um padre para celebrar uma missa e benzer toda a fazenda e os negros, pois não estavam gerando crias, como deveria ser comum. Olhei para Adélia, ela estava séria de cabeça baixa e, com as outras mulheres, na fila, iríamos receber a hóstia do padre. Assim que saímos da fila, ela me olhou e deu-me um sinal. Seguindo Adélia, muitas mulheres e eu entramos no mato. Com gestos, ela nos orientava para cuspir no chão e urinar em cima. Todas as mulheres fizeram o mesmo.

Passou-se o tempo e nada mudou na minha vida. Ficava todos os dias de minha vida, dentro d'água lavando roupas e mais roupas. Nas noites de lua cheia, lavava as roupas brancas da casa.

Minha mãe, um dia, amanheceu morta, enterramos num curral velho, que servia de cemitério para os negros. Sua cova ficava embaixo de um pé de pereiro que estava todo florido. As flores do pereiro são muito perfumadas!

Após o seu enterro, fui como sempre para o rio lavar roupas, minhas lágrimas de amargura e tristeza se misturavam com a água doce do rio. Já não tinha Adélia e nem minha mãe, estava completamente só. Com os meus irmãos, mal trocava uma palavra por vezes. Eles passavam todos os dias nos canaviais, retornando à noitinha. Muitos negros morreram e outros ficaram doentes, parecia uma praga.

O tempo passou, envelheci depressa e, cada dia, ficava pior, só comia restos dos outros; as pernas inchadas e doloridas, dores por todo o corpo; comecei com uma tosse que não passava e cuspi sangue vivo; sentia uma dor terrível no peito, cansaço, faltava-me a respiração.

Era noite de lua clara, saí tossindo, cuspidando sangue e quase me arrastando com um saco de roupas para alvejar. Eram as roupinhas brancas de sinhá menina que, agora, estava mocinha. Era muito boazinha, nem parecia filha daquela gente. Pena que eu não podia chegar perto dela. Ela sorria e acenava para nós, escondida dos senhores. Meu senhor se acabava em bebidas, já não parecia nada com aquele homem de outrora.

Lembro que, cheguei no rio, tirei a roupa do saco, molhei e estendi sobre as pedras. De repente, senti tontura e caí na água. Comecei a sonhar que as águas me levavam para longe. Era tão bom! Os peixes me faziam cócegas, eu estava tão leve, livre, flutuando sobre as águas como uma pena. Lembrei-me das roupas que eu tinha deixado sobre as pedras. Meu Deus, o que seria de mim se estragasse as roupas brancas da sinhá menina?

Chegava o dia, apareciam os primeiros raios de sol que brilhavam sobre as águas azuis. A vegetação era linda nas suas margens, eu deslizava lentamente rio abaixo, não conseguia parar, nem me mover, estava indo para longe. Fechei os olhos, ouvia o canto dos pássaros, dos meninos à beira do rio. Flutuando nas águas mornas, parecia que eu tinha me transformado em uma folha, de tão leve que estava. Pensava em minha mãe e Adélia que estavam mortas. Pensava no sofrimento dos meus irmãos e de todos os negros da fazenda. Pensava no meu bom senhor que, agora, só bebia. Pensava na sinhá menina... tão meiga e delicada!

Certamente, eu estava sonhando e pedia a Deus que me fizesse acordar, pois eu precisava cuidar daquela roupa antes do amanhecer. Abri os olhos, continuava a flutuar nas águas claras do rio. Passei por um lugar lindo, fiquei encantada, jamais tinha visto coisa igual. O que estava acontecendo, afinal? Meu Deus, o que será de mim?! A roupa, onde está? Fechava os olhos e flutuava... abria os olhos e tudo era tão lindo, eu me sentia livre como um peixe.

Fiquei assim, não sei por quanto tempo, correndo rio abaixo, vendo coisas lindas. O rio era minha casa! Mas um pensamento ainda me atormentava: onde estavam as roupas brancas da sinhá? Eu precisava cuidar delas!

Foi então que, navegando por esse lugar lindo, eu avistei uma sinhazinha à beira do rio, estirando as mãos para mim. Interessante que, o rio parou e, ela, então, me disse:

“Pode levantar-se, saia daí! Não tema, esqueça aquelas roupas, alguém já recolheu! Você está longe e livre daquela Terra. Venha, dê-me sua mão”.

Saí e vi que podia me levantar. Andei uns passos temerosos, a sinhazinha me olhava, do seu coração saía um facho de luz que, chegando perto de mim, ia me aquecendo, meu corpo foi se cobrindo num traje branco e gostoso, fui cercada por uma porção de rostos conhecidos e queria lembrar onde os havia visto.

Uma mulher linda, brilhando como uma estrela, pegou em minhas mãos, dizendo-me: “Venha, filha querida”. Reconheci a voz de minha mãe que, agora, estava com uma luz tão azul, da mesma cor do céu. Olhei ainda para a sinhazinha que estava de joelhos, olhos fechados, duas lágrimas desciam pelos cantos de seus olhos e, do seu coração, continuava saindo uma luz.

Fui me afastando, amparada por várias pessoas amigas, que eu ainda não conseguia me lembrar de seus nomes e de onde as conhecia. Quem será essa sinhazinha? Ela não me é estranha!

Ouvi a voz de minha mãe novamente: “Você não conseguia se libertar, filha, nós pedimos ajuda a ela, que é um espírito bondoso e nos atendeu. Com a graça de Deus, você se libertou do sofrimento de lavar roupas, dia e noite, sem parar. De hoje em diante, ninguém mais a verá nesse sofrimento. Agradecemos ao Senhor nosso Deus por esta benção”. E, olhando para a sinhazinha, ela rezou: “Abençoi e dai forças, Pai, a essa irmã, que fica cumprindo a sua missão”.

A sinhazinha continuava de joelhos na mesma posição. Minha mãe estava tão diferente, jovem e bonita, parecida com uma santa.

Fiquei anos e anos, flutuando sobre as águas do rio. Mais de trezentos anos que me viam lavando roupas nas margens do rio e, para mim, era apenas um sonho. Em compensação, faz poucos anos, fui liberta do meu pesadelo e parece que faz séculos que estou aqui gozando de tanta grandeza! Graças a Deus, consegui cumprir a minha missão por completo. Tão já não voltarei à Terra em carne e osso. Faço parte de um grupo de espíritos voluntários, auxiliando os mensageiros superiores em trabalhos de resgate.

Sou muito feliz e, daquele corpo sofrido que usei na Terra, nada mais me resta.

Não desanimem de lutar, meus irmãos, jamais alcançaremos nenhuma vitória sem sacrifícios. Fazer o bem para o próximo é a maior conquista para qualquer alma.

Nós oramos a Deus, todos os dias, por você, minha sinhazinha da beira do rio. É assim que chamamos você aqui. Hoje, que o meu rio predileto fica embaixo de um altar que está sempre limpo, bonito e iluminado pela luz do seu coração. Bendito e louvado sejam os pequenos, porque eles se tornam gigantes quando são conduzidos pela força maior que se chama Deus.

Maria Nazareth Doria



Sou jornalista e escritora, tenho 21 livros publicados, 6 deles traduzidos em espanhol, acumulei muitos prêmios e títulos, sou vencedora de alguns concursos literários, contos e poesias, inclusive um na cidade do Panamá, recentemente recebi a Medalha Cinquentenária da ABFIP- Associação Brasileira das Forças Internacionais da Paz, prêmio NOBEL da Paz de 1988 à 2002, essa medalha é outorgada pela ONU. Apresentei por 3 anos consecutivos o programa RAIZES INDÍGENAS (sou descendente indígena).



UM PEDIDO COM FÉ

UM CONTO DE SIMONE E ALEXANDRE FRAENKEL

A notícia auspiciosa chegou de repente; Mauro não imaginava que algo inusitado pudesse envolver sua família e aumentar tanto a cumplicidade entre eles. Na verdade, essa era sua expectativa antecipada! Porém, foi aí que começaram os engodos!

À noite, durante o jantar, ele contou a novidade:

- Recebi, hoje, a ligação de um advogado comunicando-me que sou o único herdeiro de uma tia de segundo grau; acreditam?

- Como assim? Que tia é essa que nunca conhecemos? – pergunta a esposa curiosa.

- Ela vivia longe e eu só enviava algumas cartas ou cartões no aniversário e datas importantes. Jamais imaginei que isso pudesse ocorrer! – ele explica.

- Ela estava no nosso casamento?

- Não! Pois, tinha medo de viajar de avião!

- Nossa! Que pena! E os outros parentes?

- Ela nunca casou, não teve filhos e o único que sobrou da família, sou eu!

- Que sorte, hein pai? – fala a filha adolescente.

- Não diga isso, filha! A tia faleceu!

- Então, foi azar? O pai não recebeu uma herança? Isso para mim é sorte!

- Mas, não devemos mencionar assim! Fica mais prudente dizermos que a tia era uma senhora muito amorosa, que sempre cuidou de todos da família e prosseguiu com a atitude até após a morte!

- Eu continuo achando que é sorte!

A mãe muda o foco porque discutir com a menina é perda de tempo! Quem consegue vencer qualquer discussão com uma adolescente de dezessete anos?

- É muito dinheiro? – questiona Dirce.

- O suficiente para fazermos aquela viagem que sempre quis!

- Além do dinheiro, há algum imóvel ou qualquer outro bem?

- Essa é a parte que mais a deixará impactada!

- Fala que já estou tremendo!

- Ela tinha a casa onde morava que é relativamente pequena, um galpão que está alugado para uma grande loja e o dinheiro aplicado. Por isso, penso que poderemos usá-lo para viajar sem esgotarmos o pequeno patrimônio.

- Eu quero ir para a Disney! Todos os meus amigos já foram! – grita Sabrina.

- Nós não vamos para a Disney! Isso é bobagem! – exclama a mãe. – Eu quero conhecer a Europa! Iremos ao encontro da cultura!

- Isso sim é besteira! Quero me divertir nos brinquedos!

- Você não manda! Eu e seu pai somos os únicos a decidir. Irá nos acompanhar onde formos.

- Ah, assim não quero ir! Fico em casa!

- De jeito nenhum! Sozinha não fica!

- Sou obrigada a viajar com vocês?

- Enquanto morar conosco, sim!

- Perdi a fome! Posso ir para meu quarto?

- Não! Vai jantar bem quieta e sem incomodar! Entendeu?

Ela balança a cabeça visivelmente chateada!

Os pais continuam os planos das férias antecipadas ignorando a presença da filha.

- Amanhã cedo vou ligar para a empresa de viagens! – comunica a mulher.

- Quando acha propício sairmos? – questiona Mauro.

- Já que a Sabrina não tem vínculo escolar podemos evitar o mês de julho, quando os preços são mais altos e todos os lugares estão lotados!

A menina, extremamente inteligente, finalizou o currículo escolar, sem perder um ano, quando completou dezesseis anos e porque nasceu em dezembro, isso a favoreceu parecer adiantada durante todo o período escolar, diante dos outros alunos da mesma idade. Agora, estuda em casa por conta própria para prestar o vestibular. O ano é 1981.

Sabrina, tenta escapar dos planos de viagem dos pais e lança a questão:

- Eu não poderei acompanhá-los! Não posso perder tempo sem estudar! O vestibular é no final do ano e a matéria não é pouca!

- Você irá ver o que precisa saber! Uma viagem destas é muito mais do que qualquer curso! – retalia Dirce.

E tudo teve início assim, com cada um desejando algo muito diferente do outro!

Dirce, por exemplo, está em êxtase por finalmente poder realizar o sonho de viajar para o exterior. Mauro, acredita que poderá fugir do controle e pressão constante da esposa! E, a intenção da menina, é somente arrumar um namorado! Esse é seu único desejo! Seus pais não concordam com a ideia; claro!

Chega o grande dia e os três seguem para o aeroporto. Aterrizarão em Milão, cidade sede da agência de turismo, responsável pela viagem.

Após o jantar em pleno voo, Sabrina levanta-se do lugar para ir ao banheiro; quando volta, encontra o pai em pé no corredor e a mãe confortavelmente deitada nos três assentos comprados para a família.

- A bela adormecida vai ficar assim, deitada nas nossas poltronas?

O pai sem saber o que responder, faz um gesto com a cabeça que significa que não tem resposta.

- Está bem! – responde a menina. – Acho que vou ficar no banheiro enquanto está vago porque aqui perdi o lugar! – e sai.

Mauro a encontra muito sorridente, duas horas depois, confortavelmente sentada com um grupo de jovens que farão intercâmbio em Roma. Ele a chama:

- O que está fazendo com essa gente?

- Estou me divertindo; já que não tenho outra opção! Fica aqui conosco! Garanto que está muito melhor o clima aqui do que o lá da frente!

O pai dá de ombros e vai verificar se a esposa está bem. O homem fica sentado a maior parte do tempo no descanso de braço da poltrona e Dirce, tranquila e serena, dormindo!

Sabrina só retorna ao assento original quando as luzes são acesas para servirem o café da manhã. Seu humor é outro! Está alegre como a muito não se via!

Quando chegam ao hotel; eles terão o dia de folga, pois, a excursão começará com a festa de recepção à noite, os pais da menina resolvem permanecer no quarto.

Dirce prende o cabelo com bobies e a menina assiste à televisão sem entender uma palavra sequer! De tanto em tanto, aumenta o som!

- Sabrina, você não é surda! Só não entende o idioma! Não adianta aumentar o volume da televisão para tentar entender o que dizem! – Mauro observa rindo.

Ele nunca viajaria com as duas sozinho! Sem falar qualquer outra língua, a responsabilidade de estar com as duas, sem ajuda, era insuportável só de pensar. A escolha de irem em uma excursão pareceu-lhe a mais acertada.

Dirce imaginava ser recebida em uma festa suntuosa! A decepção foi grande quando adentraram à uma sala sem decoração especial e com mesa única. Todos os participantes sentados lado a lado.

Sabrina ficou extremamente chateada ao perceber que os pais eram os mais jovens do grupo.

“Credo!” – pensou. – “Como vou conseguir um namorado nesse grupo?” – pergunta a si mesma.

Ganharam de lembrança uma pequena valise com emblema da companhia de viagem, um bloquinho e caneta com o nome da empresa impressos e um crachá para usarem o tempo todo.

- Mãe, a senhora não poderia ter escolhido melhor?

- Está tudo perfeito! Não inventa moda, menina!

No dia seguinte após o café da manhã no hotel entram no ônibus contratado para os próximos quarenta e cinco dias que os levarão a nove países diferentes: Itália, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Inglaterra, França, Espanha e Portugal; com retorno aéreo para a Itália.

A chegada em Roma é bastante comemorada entre os participantes, e o guia avisa sobre a agenda que cumprirão. A menina fica estarecida com a quantidade de igrejas e museus que estão na lista. E nos quatro dias que permanecem na cidade, foram exatamente os locais que visitaram. Sabrina aguardava ansiosa por algo mais moderno, agitado, apropriado à sua faixa etária!

E quem já fez viagens nesse formato, conhece a verdade dos fatos: as agências sempre levam os grupos aos lugares onde possuem convênio; isso serve para restaurantes e lojas. E é comum encontrarem-se com outros grupos de companhias concorrentes; por isso, a necessidade do uso do crachá.

Sabrina também não se adaptou a comida. Nos restaurantes que foram o padrão era sempre o mesmo; servido o primeiro prato, normalmente uma salada ou entrada, o segundo com massa e o terceiro, uma carne. A salada costumava vir encharcada de vinagre; a massa com molho onde só era possível perceber a presença do alho e a carne, de cor branca não igual ao frango, mas de tom branco mesmo.

Por último, claro era servida a sobremesa. Em alguns lugares após o doce, os garçons traziam tipos diferentes de queijo, para finalizar a refeição. Explicaram que consistia em uma tradição para as pessoas terem algo para acompanhar o vinho.

Um dia antes de saírem da cidade, o guia organizou uma visita às famosas Catacumbas de Roma; um conjunto de túneis e abrigos subterrâneos que foram usados como cemitérios por séculos. A menina pergunta ao guia:

- Você vai entrar com essa gente ali?

- Claro! É um passeio bastante requisitado!

- A maioria vai permanecer lá! – fala a garota em tom de brincadeira fazendo alusão à idade avançada do grupo. – Eu ficarei no ônibus esperando!

- Não quer conhecer o local? – insiste ele.

- Eu saí do Brasil para visitar cemitérios? Nem lá vou em lugares sombrios assim!

O guia, apesar de jovem, aproveita a sinceridade da moça para expor o que pensava:

- Sabe o por que não gostei de você? Porque é uma menina de dezessete anos que adora parecer ter trinta!

- Sério? Foi essa impressão que lhe causei?

- Sim! – responde o homem sem demonstrar culpa.

- Ótimo! Era exatamente o que eu queria!

Sabrina foi educada com muita rigidez. Os pais não permitiam que a moça tivesse voz; era obrigada a comportar-se como determinavam. Porém, ela, astuta, nunca aceitou que outras pessoas a diminuíssem! Jamais entrou em conflito com quem quer que seja; apenas tinha respostas prontas e perfeitas na ponta da língua, sem faltar com o respeito; evidentemente.

O segundo destino é Veneza; cidade no nordeste da Itália situada sobre um grupo de cento e dezessete pequenas ilhas separadas, no Mar Adriático. A cidade sem estradas, tem apenas acesso por canais repletos de palácios góticos e renascentistas. Nos dois dias livres que tiveram, em um deles, Dirce marcou um passeio de gôndola para ela e a filha. Mauro não foi incluído porque teme embarcações de pequeno porte e cavalos!

Alguns turistas ficam tirando fotografias da suave movimentação das gôndolas. Dirce, deslumbrada com a atmosfera, segura na mão da menina:

- Veja filha, que espetáculo! Isso é um privilégio!

- Mãe, não quero tirar seu entusiasmo, porém isso é uma canoa com nome chique e se virar, vamos morrer porque cairemos em uma água podre! Sente o cheiro desse lugar!

- Fica calada, menina! Você é muito jeca mesmo! Não percebe o glamour do lugar!

- Infelizmente não enxergo nenhum!

E ela olha para os prédios ao redor, com o mofo e bolor na base deles.

“Como podem achar esse lugar bonito?” – questiona-se.

Outra situação que quando lembrada é motivo de muitas risadas aconteceu em Frankfurt, Alemanha. Cidade localizada à beira do Rio Meno, na região central do país, que sempre foi conhecida como centro financeiro.

O motivo da empresa de viagem entregar no jantar de recepção as valises, era porque, em algumas cidades onde o grupo permaneceria pouco tempo, as malas não sairiam do ônibus. Todas as pessoas só poderiam carregar os pertences necessários que coubessem na pequena mala.

Naquela manhã, o guia entra no salão onde estava sendo servido o café da manhã e anuncia que a saída do hotel será imediata! Teve início um verdadeiro rebuliço!

Dirce, apavorada, pois imaginava ter tempo suficiente para voltarem ao quarto para arrumar tudo, fica sem saber como agir!

- E agora Mauro? O quarto está revirado e as valises vazias!

- Fica tranquila, amor! Subo com a Sabrina e organizamos tudo! Pode terminar seu café com calma!

- Filha, vamos! – e a menina o segue.

- Temos pouco tempo! O guia avisou que sairão em quinze minutos! Não demore! Abra as valises e simplesmente jogue as coisas dentro; nem tenta organizar nada!

- Pode deixar, pai! Para isso sou ótima! – responde ela com um sorriso no canto dos lábios.

Chegando ao térreo, surpresa, o ônibus havia partido!

- Cadê o pessoal? – indaga o pai.

- Mas, fomos rápidos! Por que não nos esperaram?

- E sua mãe?

O homem em desespero vai procurar a esposa no refeitório onde não havia mais ninguém. Ele ainda tenta perguntar ao garçom, que responde com as mãos, mostrando que todos se foram!

Mauro agora questiona o porteiro, que também lhe responde com um gesto, explicando que a mulher estava no ônibus! O pai pega as valises e corre até o ponto de

táxi com a filha, achando que assim conseguirão alcança-los. Entram no primeiro veículo parado no ponto. O motorista olha pelo retrovisor, esperando o endereço para onde seguir. Mauro, faz um gesto brusco e grita:

- Vai! Vai! Vai!

O motorista a contragosto segue na direção indicada. Mauro está nitidamente transtornado e Sabrina rindo sem parar; o retrato do caos!

O homem insiste em saber onde ir e Mauro começa a dizer:

- O bus! O bus! O bus!

Uma grande interrogação é visível no olhar do sujeito. Ele apenas segue reto na extensa avenida e de repente, Mauro avista o ônibus da excursão.

- O bus! O bus! O bus! – grita novamente. E Sabrina continua rindo sem parar.

Eles alcançam o veículo e Mauro agora grita:

- Para! Para! Para!

- Fala stop, pai! Para vermos se ele entende!

E Mauro desesperado berra:

- Para! Stop! O bus! – tudo junto e misturado.

O motorista buzina para fazer o ônibus parar. Eles estacionam mais à frente e os dois passageiros malucos descem para alívio do homem!

Quando Mauro e Sabrina sobem no ônibus, nova surpresa! Onde está Dirce?

- Onde está minha mulher?

- Eu não sei! – responde o guia calmamente. – Ela desceu quando viu uma loja de casacos de pele no caminho!

- E vocês a largaram lá?

- Eu não estou com um grupo de crianças! Sua esposa quis descer e não havia motivo para impedi-la!

Mauro quase enfarta! Olha para a filha e recomenda:

- Sabrina fique aqui! Se eu não voltar, você segue viagem com o grupo!

- Está bem, pai! Boa sorte!

Ele encontrou Dirce a três quadras anteriores dali. Feliz e sorridente, olhando e separando casacos de pele.

- Dirce! – disse ele quando a vê. – Como você desce do ônibus assim? Quer me matar do coração?

- Ah, que bobagem! Sabia que iria me achar! Confio em você!

Ele precisou contratar o serviço de uma van para leva-los ao próximo destino onde o grupo estava.

Sabrina diverte-se muito na Alemanha. As cidades são lindas, muito organizadas e as casas parecem de boneca. Os jardins são extremamente cuidados e há flores por todo lado.

Eles vão a um restaurante que a menina nunca poderá esquecer! Em um imenso lugar com mesas paralelas em várias fileiras e todos sentados lado a lado, com grupos de diferentes companhias juntos. Um ambiente festivo!

As mulheres incitadas por Dirce que antes perguntou sobre o local, decidem permanecer no ônibus!

- Nós não iremos entrar nesse lugar! – disse ela tomando frente de liderança.

Os homens, em resposta, apenas seguem Mauro, que responde:

- Vocês sabem o que fazer! Já são grandes para poderem escolher o que preferem!

Sabrina avisa:

- Eu vou junto! – e é a única mulher do grupo a acompanhá-los!

O restaurante com música ao vivo está mais animado do que pensavam. As garçonetes, lindas, vestem trajes que evidenciam-lhes o busto, chamando atenção dos homens. Esse é o verdadeiro motivo da indignação das mulheres, além da bebida servida em excesso. No cardápio, só há a opção de três diferentes tipos de salsicha, acompanhadas de purê de batatas e repolho; com vários tipos de mostarda.

A menina escolhe sentar-se longe do pai que comemora a recém-liberdade bebendo sem pensar no depois.

Quando uma garçonete se aproxima com a bandeja repleta de canecas de chope, a moça estende a mão e recebe sua primeira bebida alcoólica. Sabrina nem acredita no ocorrido! Ela entende o porque da tamanha satisfação do pai naquele momento sem sentir-se vigiado. A moça se delicia com a bebida e a comida, cujo sabor não é encontrado em nenhum outro lugar!

Outro momento especial para Sabrina, dá-se quando vão assistir a peça *Cats* no teatro em Londres. Ela fica fascinada com o espetáculo e pede ao pai para comprar-lhe a fita com as músicas do show.

Mas, é em Portugal onde o ápice da viagem se dá! Eles estão em Pádua visitando a Igreja onde estão guardados os restos mortais de Santo Antônio. O guia durante o trajeto, conta, que existe uma lenda que toda mulher que procura um marido e

percorrer toda a extensão da nave principal da igreja carregando uma vela, alcançará a graça desejada.

Sabrina que não aguentava mais visitas às igrejas, animou-se desta vez com a história. Enquanto Dirce e Mauro estavam rezando, sentados em um banco na frente do altar, a filha afasta-se sem fazer alarde. A mãe, de olhos fechados, é interrompida durante a oração pelo burburinho que começa ao seu redor e, para seu espanto, vê a filha na porta da igreja, ajoelhada carregando uma vela de um metro e oitenta!

- Mauro, olha aquilo! Sua filha endoidou! Meu Deus! Que vergonha! Vai lá e arranca essa menina daqui!

- Para ela gritar e chamar mais a atenção? Vou fingir que não a conheço!

- Mauro, estou mandando! Toma uma atitude!

- Dessa vez deixo para você, mulher!

Dirce levanta e vai discretamente até a menina.

- Que é isso Sabrina? Enlouqueceu?

- Não! Sei exatamente o que estou fazendo e o objetivo que espero alcançar!

- Acha que é bonito se arrastar pela igreja mostrando para todo mundo que quer um homem?

- Penso que é o lugar propício para isso! Não escutou a história que o guia contou?

- Por misericórdia, menina! Você não prestou atenção a nada do que ele disse durante a viagem, mas agora lhe interessa?

- Viu, já tem a resposta!

- Sabrina, levanta daí agora! Estou mandando!

- De jeito nenhum perco essa oportunidade!

E Dirce é obrigada a vê-la percorrer toda a parte central da igreja até o altar, de joelhos!

Foi a única da excursão que teve coragem de seguir em frente com o propósito. Foi motivo de muitos comentários, porém ela não ligou! Encheu-se de fé e obstinada como é, cumpriu o necessário. E acreditem... atualmente é bem casada, com o amor da sua vida, de um metro e noventa de altura!

Pedir com fé e abrir o coração para receber o milagre, é o segredo! Afinal, só quem crê em milagres pode alcançá-los!

Simone & Alexandre Fraenkel



Simone é paulista e Alexandre, gaúcho; o encontro se deu em Florianópolis onde vivem, casados a vinte anos. A harmonia entre os dois de tão perfeita reflete-se nas histórias que escrevem, sempre a quatro mãos. Gostam de trocar ideias com leitores interessados em saber como criam suas obras. E adoram dividir suas experiências de viagens. Viajar é paixão de ambos! "Costumamos dizer que durante o dia somos pessoas normais, iguais a qualquer outra; na madrugada, emprestamos nossas almas para darmos vida aos diversos personagens que criamos!". "Nosso interesse é entreter; oferecer elementos para o leitor sentir-se parte da trama! Para as nossas histórias ecoarem em seus corações o maior tempo possível!".



CRÔNICA

EM TEMPO

As horas passam. Meu corpo esticado – hora para um lado, hora para o outro – acompanha o arrastar dos minutos. É noite. A escuridão cobre a cidade e, deitada, sinto-me o único ser humano em estado de vigília.

Enquanto tento melhor posição sobre a cama, passam, além das horas, muitas imagens por minha cabeça. Lembro-me do que fiz logo cedo, das tarefas e conversas desenvolvidas e de todas as outras que aguardam o amanhecer para então se concretizarem. Fico pensando em velhos amigos, fico chorando por novos amores; arrependo-me por ligações telefônicas feitas e, mais ainda, por outras que deixei de fazer.

Angustia-me perceber que resta pouco tempo para descansar e acabo por ocupá-lo com minhas elocubrações. Quando resolvo desligar-me, os barulhos da silenciosa noite invadem-me como estrondos; seja o pequeno inseto que me faz companhia, seja o incessante e monótono circular do ventilador, a dança das cortinas ou a longínqua buzina que adentra a janela e parece tão próxima.

Tudo dorme e eu permaneço alerta e atordoada. Meu corpo está tenso, não consigo relaxar, é como se ainda não fosse hora de deitar. Penso em realizar alguma atividade, quem sabe assim o cansaço chegue, a vigília dê lugar ao adormecer e a angústia à tranquilidade. Levanto-me à procura de algo, algo que parece ausente. Procuro, olho por todos os cantos. Canto, canto por todos os becos. Becos que me levam a lugar nenhum.

Retorno à cama, retomo as imagens, recrio os personagens, reinvento o deitar, repouso o corpo e, finalmente, caio no sono. Posso então, de outra forma, dar lugar às inquietações. Agora, em sono e sonho, muito reaparece.

Ao amanhecer os raios de sol parecem trazer nitidez aos pensamentos, dou-me conta que na calada da noite passaram-se minutos, mas nem tantos quanto eu pensara. As tarefas que tanto me (pré)ocuparam, são apenas discretos obstáculos de tantos que estão por vir. Atento, amigos e

amores estarão sempre presente de alguma maneira para que as noites, os cantos e os becos tenham mais graça. Compreendo que deitar e despertar, agoniar e tranquilizar, estar e faltar integram os intensos ciclos da vida.

PODER DE SER

Contemplar-me com leveza - ocorreu-me - é poder.

É poder respeitar cada momento da trajetória e encontrar-me neles.

É poder enxergar as marcas do tempo e ainda assim achar beleza.

É olhar os julgamentos e padrões vigentes a cerca dos corpos e poder abrir mão deles.

É poder aprender sobre os que vieram antes de mim, reconhecê-los no espelho e estar em paz com isso... É reverenciar o poder ancestral!

É ressignificar o poder de existir. É alinhar-me com o poder do presente.

É poder ser parte e também inteira.

É poder nutrir-me da natureza e alimentá-la também.

É não perder-me na perfeição, mas aventurar-me em plenos poderes.

É desfrutar do poder de estar vivo, mesmo quando o mundo parece morto.

É poder espalhar a força da vida no mundo.

É desafiar o poder institucionalizado e permitir-me o poder de ser quem sou. Ou quem escolho ser.

Re-ver-me é condição pra re-conhecer o poder de qualquer outra coisa.

Andria Cris



Andria Cris encantou-se pelas palavras antes mesmo da alfabetização. Contemplava sua mãe escrever cartas para amigos e seu pai folhear os inúmeros livros que colecionava. Quando letrada, repetia o hábito dos pais. Na adolescência passou a registrar fatos do seu cotidiano em cadernos, uma forma de elaborar as vivências daquele tempo. Atualmente escreve palavras por prazer, ouve palavras por profissão. Psicóloga, está sempre imersa no universo enigmático da linguagem. Carioca, atualmente reside na cidade de Cabo Frio, na Região dos Lagos – RJ. Contato: andriacris@yahoo.com.br | Instagram: [@diariodeumasehora](https://www.instagram.com/diariodeumasehora).



LAÇOS

Durante nossa caminhada, cruzamos o caminho de muitas pessoas e muitas pessoas cruzam o nosso. Criamos laços de amizade e amor que, ao longo do tempo, podem se fortalecer ou se desfazer. Como uma fita que se enlaça e desenlaça, esses laços simbolizam nossa capacidade de nos conectar e, às vezes, de nos separar.

O tempo passa, nossos interesses mudam, e muitas vezes é necessário desfazer esses laços para seguir em frente. Entretanto, somos frequentemente presenteados com novos laços, mais bonitos e significativos. Faz parte da jornada da vida criar e desfazer relacionamentos. Manter todos os laços da infância seria impossível e, de certa forma, nos impediria de vivenciar novas experiências e conexões.

Nossa vida é enriquecida por relacionamentos lindos, regados com a água mais límpida, rodeados de lindas flores e recheados de corações. Contudo, com o tempo, alguns desses laços podem se afrouxar e perder seu brilho. Para alguns, seguir em frente é fácil, mas para os mais apegados, rompimentos doem e lágrimas transbordam pelos olhos, lavando-os para enxergar melhor o futuro. É normal chorar, sofrer e deixar de amar, carregando apenas as boas lembranças. O que não é normal é carregar bagagens pesadas de alianças anteriores, como mágoas, rancor e ódio. Assim como desenlaçamos um nó, devemos nos livrar desses sentimentos ruins. Mesmo que alguém tenha nos magoado profundamente, é importante seguir livre de qualquer ressentimento. Não deseje o mal a ninguém, não tenha inimigos, e ore por aqueles que lhe perseguem.

Então, se você ainda carrega o sentimento ruim chamado ódio, livre-se disso! Perdoe! Seguir em frente sem ressentimentos é um dos maiores sinais de sabedoria e grandeza. O perdão liberta mais a quem perdoa do que a quem é perdoado. Você não precisa recolocar em sua vida aquela pessoa, mas alimentar sentimentos negativos apenas impede a felicidade de ambos. Perdoe e siga adiante. Corte os laços que lhe pesam e destrua as pontes atrás de você. Seu coração agradecerá.

QUEM SÃO OS ALUNOS DOS RIOS E FLORESTAS?

São aqueles que residem no coração da floresta,
Que desde cedo aprendem as linguagens da natureza,
Que dialogam com as maravilhas do local onde estão inseridos.

São aqueles que, por vezes, cruzam a mata densa,
Para pegar o ônibus ou a lancha escolar,
Enfrentando desafios que a natureza lhe apresenta.

São aqueles que têm o rio como estrada
para um futuro melhor, navegando em busca de conhecimento.

São aqueles que enfrentam o calor e a chuva forte,
Mas não desistem, pois seus sonhos os guiam.
E mesmo nos dias de chuva forte,
Persistem em sua jornada, pois são cheios de desejo de estudar.

São aqueles que aprenderam a valorizar cada oportunidade,
Sabendo que a educação é a chave para transformar vidas.

São aqueles que ganharão o mundo e realizarão seus sonhos,
Pois aprenderam a conviver com as adversidades do seu ambiente.
São aqueles que, apesar dos obstáculos,
continuarão a trilhar seu caminho com esperança de um futuro melhor.

Yara Suelen Dantas da Silva



Natural de Tapauá-AM, Mestra em Letras, programa Profletras pela Universidade Federal do Acre. Especialista no Ensino de Língua Portuguesa pela Escola Superior Batista do Amazonas. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas literaturas pela Universidade Nilton Lins. Atualmente é professora efetiva do Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação de Manaus- AM (SEMED) e do Ensino Médio na Secretaria de Estado e Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase no ensino de língua portuguesa. Seu principal objeto de estudo é o Letramento e os Projetos de letramento. Escreve textos poéticos por acreditar no poder humanizador da literatura, capaz de transcender barreiras culturais, temporais e linguísticas. Através das palavras, ela nos permite viver inúmeras vidas, compreender diferentes perspectivas e experimentar emoções diversas. A imersão no mundo literário nos torna mais empáticos, conscientes e críticos, ajudando-nos a compreender melhor a nós mesmos e aos outros.



OBRA DE ARTE

Uma das obras de arte mais conhecidas e até reverenciadas, pelo mundo das artes é a pintura de Leonardo Da Vinci, A Última Ceia. Ela está na igreja e Convento Santa Maria Delle Grazie, em Milão, na Itália.

A obra mede 4,6 metros de altura por 8,8 metros de comprimento. Embora haja divergências, sobre o tempo que a obra levou para ser pintada, a maioria dos entendidos afirma, que Da Vinci levou cerca de três anos, entre 1495 e 1498.

Curiosidades sobre a obra dizem que o artista fez o rosto de cada discípulo, a partir de pessoas reais. E por conta disso, a obra demorou mais tempo para ser executada.

A obra é um ícone da arte renascentista. E precisou ser restaurada por diversas vezes, devido a técnica inovadora usada por Da Vinci. Não bastasse sua importância dentro das artes plásticas, sua notoriedade ganhou mais destaque e curiosidade, quando Dan Brown lançou seu livro O Código Da Vinci. A história ficcional, ocorre em torno de uma das muitas teorias sobre o quadro, criadas através dos séculos.

Mas a obra de arte do assunto desse texto, não é a pintura de Da Vinci. E sim, que a arte pode servir de reflexão para a vida. Para repensarmos os nossos sentimentos e relacionamentos. Vivemos em um tempo de consumismo, onde as coisas são descartáveis; de internet cada vez mais acessível, que nos permite um acesso cada vez mais rápido às informações. Tudo é muito rápido e parece que os valores das coisas da vida vão se esmaecendo. Principalmente as relações afetivas. São como obras de arte simplista, onde quase não há detalhes, nem variação de luz, ou de sombras.

Um relacionamento necessita de tempo, e principalmente doação pessoal, que as pessoas não têm mais interesse em dedicar. Sejam amizades ou amor, tudo se transforma em substituível, se não está de acordo com o gosto pessoal momentâneo do indivíduo.

Podem dizer que muitos casamentos de longa duração, como dos avós ou bisavós, foram apenas por conveniência, mas a verdade é que em todos eles, houve um aprendizado de respeito ao outro; e de se adequar um ao outro, para que o convívio fosse harmônico.

O amor é uma pintura, onde em cada dia acrescenta-se alguma coisa. Um detalhe. Quanto mais longo é o relacionamento ou o amor, mais detalhes haverá nessa obra. Porque os envolvidos passaram mais tempo conhecendo um ao outro e a si mesmos. O egoísmo cede gradativamente, o seu lugar ao altruísmo. E a felicidade do outro, se torna algo tão importante, que se dedica tempo, criatividade, abnegação...

Quanto maior o sentimento, maior será a riqueza de detalhes, de nuances, sombras e luzes impressas no convívio. Haverá uma preciosidade tão grande nessa convivência, na construção desse relacionamento, que não haverá consideração para que seja descartado. Será feito todo o possível, para que fique ainda mais belo, com muitos e mais minuciosos detalhes, que sobreviverão ao tempo, como a obra de arte de Da Vinci. Talvez precise de reparos ou restaurações, mas vale a pena resgatar o que é precioso. Dedicar tempo ao que realmente tem valor.

Glenda Brum de Oliveira



Glenda Brum de Oliveira, é de SC. Tem 5 livros publicados e participa em mais de 150 antologias. É membro de 12 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Áustria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista das Revistas Casa de Escritores e Autorretratos; colaboradora da Revista The Bard e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Recebeu os diplomas Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada com os títulos de título Embaixadora de La Paz; Doutora Honoris Causa, em Literatura, Chanceler das Artes, no Prize of Artes; o título de Grão- Mestre das Artes; e o título de Embaixadora Cultural Brasil África.



ART VOYEUR

Selina achava piegas quem declarava *fazer amor*, até se deparar com o abismo entre *transar* e *amar*. Verbos e adjetivos distintos, orações sagradas, um vocabulário rico e entremeado por sinônimos singulares típicos dos enamorados. Quem transa entrelaça corpos. Quem ama, funde a tríade dos apaixonados: corpo, alma e coração.

Foi naquele instante, em um quarto com aroma de cabernet e loção amadeirada, que o tiquetaquear do relógio pausou. A jovem percebeu, então, que piegas mesmo era debochar de quem amava com pele e alma. No silenciar do *clique-claque* daquele relógio de bolso pendurado no paletó estendido no chão, compreendeu que brega era encontrar quem só transava com o corpo e deixava o coração do lado de fora da porta trancafiada. *Deselegante, diriam as vozes de sua cabeça.*

Através da janela, sorriu ao ver o reflexo do casal que se amava, um sorriso de reconhecimento e deleite. Alheios ao mundo, olhos nos olhos e corpos nus reluzindo à luz tênue. Moviam-se como ondas, ora calmas, ora intensas. Uma sinfonia sincronizada, como se dançassem ao som fugaz de suas respirações e batimentos. As mãos dedilhavam, exploravam, arrepiavam. Apertavam e afrouxavam, marcavam e acariciavam. Cada toque, um verso; cada movimento, um refrão. Artistas, pensou.

A jovem sabia que havia algo único naquela entrega – algo que muitos buscavam, mas poucos encontravam. Ainda sem conseguir desviar o olhar do reflexo daqueles corpos, delineados como mármore mitológico, suspirou ao reconhecer o desejo de sentir o mesmo que os exibicionistas refletidos na vidraça. Ignorando o mundo ao redor, sem cortinas e sem pudor, o casal parecia não se importar com expectadores, fazendo o desejo transcender as paredes de vidro.

Do alto do décimo sexto andar, poderiam ser personagens de uma história. Ou talvez os autores. Luxúria e amor se misturavam tão perfeitamente com o exibicionismo de uma noite de amor de frente para as janelas de vidro, que Selina sentiu como se aquela dança fosse sua, reconhecendo fragmentos ignorados de sua alma, ao encarar os reflexos. Naquela noite, Selina percebeu que ardor rimava com amor. Assim como os corpos sincronizados, os quais apreciava com tamanha curiosidade.

Em 42 metros quadrados ecoava a melodia de notas açucaradas e apimentadas. O sexo como obra de arte, os artistas como inspiração e o cenário como cúmplice de um segredo ardente. A cidade os assistia, ela os assistia e, sem pudor, sorria. Eles eram os artistas encenando o quarto ato de um novo espetáculo teatral e ela, os aplaudia.

Selina caminhou na ponta dos pés e fechou as janelas, vendo o reflexo dos dois apagar-se junto com as luzes. A textura da mão dele estava digitalizada em sua pele que formigava com a interrupção do toque tão familiar quanto o sabor de Nutella em sua língua.

— Fim do show.

Anunciou em um sussurro e foi inebriada pelo som das risadas cúmplices e dos cochichos intimistas. Do lado de fora, as estrelas piscavam como se o universo conspirasse para aquele amor acontecer; e no breu do quarto, Selina sentiu-se musa e artista, dona de uma obra inacabada. Afinal, depois da meia-noite, o conto de fadas não termina. Apenas recomeça.

Luana Schrader



É autora de romances mágicos e leitora voraz de livros de romance com altas doses de fantasia, acredita que é através da literatura que a magia acontece e tudo torna-se possível. Escreve ao lado de uma fada canina chamada Anja; é influenciada pela lua e pelas estrelas, acredita em destino e na magia do universo. Formada em Moda e em Escrita Criativa, começou a sua carreira literária em 2019, participando de inúmeras coletâneas nacionais e internacionais. É autora de *Serendipity* (2021); *Fios do Destino* (2022); *De repente, Natal* (2022); *Felizes agora e para sempre* (2023) e *Onde as fissuras brilham* (Previsto para o primeiro semestre de 2025). Em 2023 recebeu o Prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros e participou do Salão do Livro de Genebra (Suíça); em 2024 foi consagrada com o Troféu Fernando Pessoa de Literatura, e recebeu o Prêmio Parisiense de Literatura e Artes. Acompanhe a autora pelas redes sociais (@luanaschrader) e pelo site luanaschrader.com.br.



JOHN ME ABRAÇOU NAQUELA NOITE DIFÍCIL

Em 1990, vivi dias muito tensos; o meu castelo de sonhos virou areia, e o meu príncipe era um sapo gordo e feio.

Depois de muitas noites sozinha, tomei coragem e fui passear no shopping numa sexta-feira. Fiz um lanche rápido na hamburgueria favorita dele e, em seguida, entrei na livraria. Os livros sempre foram meus melhores amigos desde menina. Agora, adulta e mãe, eles seriam o meu suporte naquela noite chuvosa e confusa.

Eu havia prometido à minha analista que pararia de chorar e tentaria me divertir. Depois do lanche, da compra de vários livros e de olhar muitas vitrines, comprei, corajosamente, um ingresso para ver um filme no cinema sozinha, apenas acompanhada da minha bolsa. Sentei e bloqueei a cadeira ao lado com os livros.

Foi neste dia que conheci o John. Ele me abraçou tão forte, mesmo voltando de uma grande desilusão amorosa. A história dele era bem mais triste que a minha; saí do cinema até menos tensa. O caso do John era mais sério: envolvia crime com muito sangue e uma grande traição da sua amada. Ele era o bom moço traído pelo mais rico, pela oportunidade cruel de vencer a todo custo.

No sábado, acordei feliz e fui correr na praia. Depois, almocei sozinha no meu restaurante favorito de saladas e comprei um vinho branco para beber à noite com queijos, pães e uvas. Amo queijos e vinhos até hoje, muitos anos depois de ouvir a história do John.

Por acaso, cruzei com o John. À primeira vista, o rosto me era muito familiar, mas eu não sabia de onde conhecia aquele sorriso e aqueles olhos tão expressivos. Hoje ele usa óculos, mas os olhos ainda transmitem muita

luz e menos dor do que naquela sexta-feira. John envelheceu, e eu também. Porém, ele continua muito bonito para seus 77 anos; os homens parecem resistir melhor à passagem do tempo do que a maioria das mulheres.

Infelizmente, John não me reconheceu. Eu adoraria retribuir aquele abraço de mais de 30 anos atrás. Fiquei constrangida de me aproximar, pois ele estava acompanhado de uma bela mulher, alguns anos mais nova que ele, que o tratava com carinho e atenção. Fiquei feliz; ele merece essa dedicação!

Terminei meu café e paguei a conta. Ao sair da cafeteria, esbarrei quase sem querer nele e pude sentir ainda aquele perfume delicioso que ele usava, parecia ser o mesmo, um clássico de Christian Dior.

Os amores mudam e passam, mas certos hábitos nos acompanham por anos. Eu continuo adorando ir ao cinema sozinha desde aquele debut, naquela sexta-feira. Vinhos e queijos também fazem parte da minha rotina, e os livros já não cabem mais na minha casa — eu os tenho às centenas. Consegui ainda encontrar o bom parceiro para dividir minha casa e meus sonhos.

Pode parecer pouco, se você teve uma vida fácil. Entretanto, eu lutei muito para não afundar no pântano da tristeza. Atualmente, cultivo bons pensamentos, escolho apenas filmes que me ensinem algo novo, aprendo línguas estrangeiras para afastar o Alzheimer e faço muita ginástica para poder me movimentar e cuidar das minhas crianças.

As crianças são meu foco nos últimos tempos. Elas, na maioria das vezes, são muito sinceras; acabei transformando meu amor por elas em trabalho e agora escrevo livros infantis.

Eu adoraria dividir todas essas novidades da minha vida com o John, mas me faltou coragem para me aproximar e me apresentar. Será que ele se lembraria de mim? Ele foi muito importante naquela noite!

Bebel Pozzi



Bebel Pozzi nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil. É graduada em Literatura brasileira e inglesa pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez especialização em Português como língua estrangeira e trabalha como professora de português para executivos estrangeiros. Os livros sempre foram seus companheiros desde a infância. Ela escreve desde os 18 anos; diários, crônicas e contos curtos. Bebel recentemente publicou um livro infantil “A garota que amava beterraba” pela editora “Ases da Literatura”. Email: isabelcpozzi@gmail.com | Instagram: [bebel_pozzi](https://www.instagram.com/bebel_pozzi). | Facebook: [Bebelpozzi](https://www.facebook.com/Bebelpozzi).



AS SETE ONDAS

O Novo Ano já chegou, trazendo novas expectativas, sonhos e esperanças. E como as pessoas lançam a sorte no novo ano que se inicia? Pulando as 7 ondas.

Na primeira metade do século passado, umbandistas realizavam seus rituais na beira da praia, agradecendo a Iemanjá pelo ano que findou e pedindo proteção e boa sorte para o ano que se iniciava. Esse costume se espalhou, e as pessoas passaram a ir para a praia de branco no Ano Novo, mesmo que não fossem umbandistas. Outro ritual que se popularizou foi o de pular as 7 ondas, onde cada pessoa faz um pedido a cada onda que pula na beiramar. Esses rituais dentro das religiões de matriz africana carregam muitos significados e sincretismos que a maioria das pessoas nem imagina. Elas os seguem porque virou moda.

Quando estamos na beira da praia, minutos antes da virada do ano, vemos milhares de pessoas vestidas de branco, com flores nas mãos, acendendo velas, pulando ondas e fazendo pedidos. A maioria dessas pessoas são brancas, muitas delas não são umbandistas nem pertencem a nenhuma religião de matriz africana, mas estão lá, reverenciando Iemanjá.

Então, eu pergunto: quantas dessas pessoas são preconceituosas e racistas? Muitas delas nem fazem ideia de que aquele ritual foi criado por pessoas negras e de religiões de matriz africana. E por que não sabem? Porque o que importa para elas é que Iemanjá realize seus pedidos, que no próximo ano elas recebam tudo o que pediram. Pouco importa a origem do ritual.

Infelizmente, em nosso país, o povo negro e seus descendentes sofrem um preconceito enorme, como se a culpa de ser escravizado fosse nossa. Os brancos não param para pensar que muitas coisas que eles usufruem no dia a dia passam pelas mãos negras, e se não fossem essas mãos, não teriam acesso a muita coisa.

A cultura africana é muito rica. Graças a essa cultura, nós, brasileiros, temos a nossa própria cultura, com influências na música, na dança, na

culinária, na língua, na literatura, no artesanato. Sem esse povo, o que seria do Brasil?

Apesar de tudo isso, ainda existem pessoas que se acham superiores a nós, negros, que se acham no direito de trocar a letra de uma música de Axé que reverencia Iemanjá, de bater no entregador negro na rua, de trancar a geladeira para a diarista negra não se alimentar, de manter a cozinheira negra preparando a ceia dos patrões até 8 horas da noite na véspera de Natal e Ano Novo, de revistar a bolsa da mulher negra na saída da farmácia, de parar um grupo de amigos na rua e revistar apenas o menino negro, de prender a mãe negra por furtar leite para seus filhos. Eu poderia dar milhares de exemplos, até porque, a cada minuto no Brasil, um jovem negro é assassinado, perseguido e espancado. Sem falar das agressões por intolerância religiosa.

Vou destacar uma história que ocorreu recentemente, no Rio Grande do Sul - minha terra natal - mais especificamente na cidade de Porto Alegre, na cerimônia de entrega do Prêmio da Academia Rio-Grandense de Letras. A escritora Eliane Marques, premiada com o troféu Alcides Maya, pediu a retratação do presidente da instituição, Airton Ortiz, pela fala racista que fez em seu discurso no encerramento do evento. Ele atribuiu o pioneirismo literário do Rio Grande do Sul à colonização italiana e alemã, enquanto o restante do Brasil foi colonizado por pessoas “escravizadas”. Em resposta, a premiada escritora lembrou que o fundador da Academia Brasileira de Letras foi Machado de Assis.

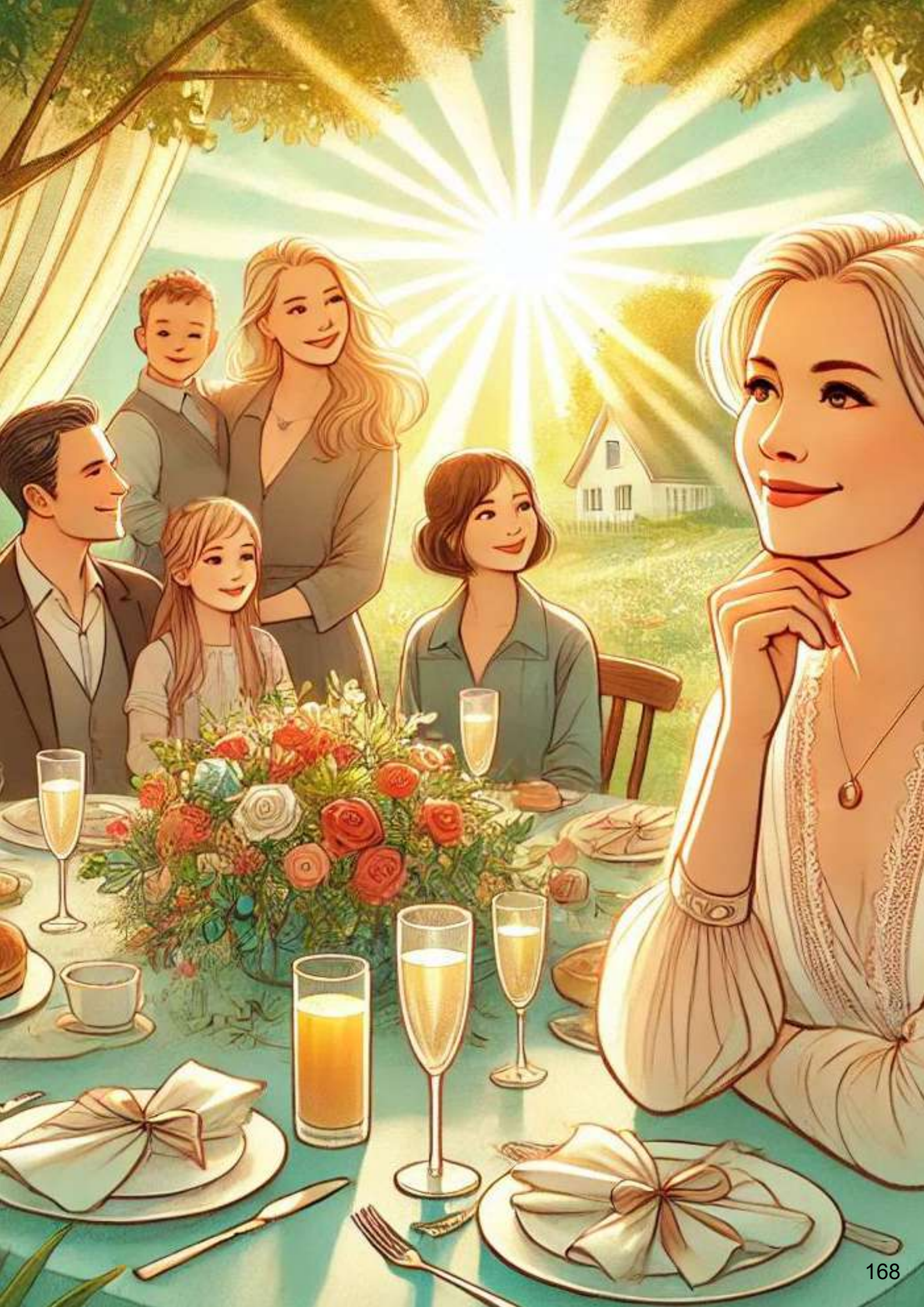
Assim como no restante do Brasil, no Rio Grande do Sul também se cultuam, nas praias, os rituais de passagem de ano. É o estado com o maior número de terreiros do Brasil, aproximadamente 65 mil, e é também o estado brasileiro com a maioria da população branca. Seria contraditório? Um estado com a maioria da população branca e o maior número de terreiros de religiões de matriz africana!

E esses caras são racistas? Feche essa conta aí, porque eu não estou conseguindo!

Ari Gëisler



Sou Aricele Geisler, natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Cresci na icônica Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo, onde os vastos horizontes e a brisa do mar moldaram minha paixão pela educação e pela escrita. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduanda em Psicologia Positiva. Desde pequena, fui imersa em um universo repleto de livros, uma herança dos meus pais, ávidos leitores. Essa convivência despertou em mim um amor profundo pela leitura, que vejo como um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Acredito firmemente que a leitura é o caminho para a construção do conhecimento e, por isso, os livros devem ser acessíveis e democráticos, essenciais para o crescimento de todos. Minha paixão pela literatura me levou a escrever meu primeiro livro infanto-juvenil, "Os Rabiscos Coloridos", publicado em 2021. A aventura continua com meu mais recente trabalho, "O Menino que Tinha Medo de Trovão". Além dos livros, dedico-me à escrita de contos e crônicas sobre os mais variados temas, explorando sempre novas histórias e perspectivas. Instagram: @escritora_aricele_geisler.



O TEMPO

Marina acordou naquela manhã com uma alegria contagiante. Era domingo, o dia do mês em que nasceu, e o sol brilhava radiante lá fora, como se também quisesse celebrar seus 50 anos. Levantou-se silenciosa, tomou um banho relaxante e se arrumou com cuidado, escolhendo a roupa como quem se prepara para um momento especial. Na cozinha, preparou com carinho uma bela mesa de café da manhã. O aroma do café fresco e dos pães quentes espalhou-se pela casa, chamando todos: marido, filhos, noras e netos.

Quando todos estavam à mesa, Marina fez uma breve pausa, fechou os olhos e agradeceu a Deus pelos seus 50 anos de vida. Era um momento de gratidão e celebração. A família sorriu, partilhando o desjejum com alegria e afeto.

Após o café, a casa retomou sua rotina, mas algo em Marina mudou. Enquanto lavava a louça, olhou pela janela da cozinha e viu o céu azul e infinito. Um pensamento tomou conta dela, e então, como se falasse com um velho amigo, começou um diálogo com o tempo.

— Não quero te incomodar, tempo, mas espero que possa me ouvir. Você tem passado tão rápido, e as coisas nunca param de seguir...

Fez uma pausa, sentindo a profundidade de suas palavras.

— Sabe, não me lembro mais do dia em que nasci, nem dos detalhes de quando cresci. Só sei que andei, trilhei caminhos e vivi anos de juventude que passaram como um piscar de olhos. Hoje, a sabedoria me alcançou. Entendo melhor as pessoas, as circunstâncias e, acima de tudo, percebo que preciso aproveitar cada instante, pois uma fração de segundo nunca é suficiente.

Marina sorriu consigo mesma, sentindo vontade de mergulhar em suas memórias, de abraçar os netos e de projetar os sonhos que ainda tinha para o futuro. O tempo, tão implacável quanto belo, era agora um companheiro, não um inimigo.

Depois de enxugar as mãos, Marina tomou uma decisão. Foi até seu quarto e escolheu um vestido confortável, colocou acessórios que lhe agradavam e calçou um par de tênis práticos. Após uma leve maquiagem, dirigiu-se à sala onde todos estavam e anunciou:

— Oi, pessoal! Hoje o dia é todinho meu. Vou sair, passear, e voltarei daqui a algumas horas. O tempo me convida a desbravar este mundo fascinante, e eu aceitei.

Sem esperar perguntas ou consentimentos, Marina saiu. O som de seus passos alegres ecoava enquanto cruzava o portão, livre, leve e disposta a explorar algo novo. Pela primeira vez em muito tempo, ela se permitiu simplesmente viver o presente, com o tempo como aliado.

Marta Costa



Marta Costa (pseudônimo), Capixaba da gema, nasceu em Vitória/ES. Graduada em Ciências Humanas. Cientista Social e Palestrante. Uma das coautoras dos livros: *Inocência Violada* e *Mulheres Fenix – Renascimento pela superação*. Escreve Contos, Crônicas, poesias e poemas em prosa, rimas e de forma livre em antologias e coletâneas por todo o país. Acadêmica Titular da Academia Cariaciquense de Letras e Acadêmica Correspondente da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores (ACLAP-TCTC). Instagram: @martinhasilvavieiracosta & @livroinocenciaviolada.



ENSATO

EROS E PSIQUÊ: A TRANSFORMAÇÃO DA ALMA ATRAVÉS DO AMOR

Psiquê reanimada pelo beijo do amor, escultura do italiano Antônio Canova exposta no Museu do Louvre em Paris, retrata o momento em que Psiquê é salva por Eros ao ser tomada pelo sono da morte no desempenho da quarta e última tarefa dada a ela por Afrodite para reconquistá-lo. A história dos dois amantes é narrada em *O Asno de Ouro*, escrito por Lúcio Apuleio no século II d.C.

Nesse conto, Psiquê, admirada por sua beleza, passou a ser considerada a nova Afrodite e, em função disso, os templos da deusa foram esvaziados e os sacrifícios e homenagens a ela foram esquecidos.

A fim de se vingar, Afrodite determinou que Psiquê fosse amarrada a um rochedo para ser entregue a um monstro e ordenou que seu filho, Eros, a atingisse com uma de suas flechas a fim de fazê-la apaixonar-se pela terrível criatura. A intenção era a de degradá-la através da paixão por um ser repugnante e abjeto.

Ao ver Psiquê, no entanto, Eros se apaixonou por ela e fez com que Zéfiro, o vento oeste, a levasse para seu rico palácio, salvando-a da vingança de sua mãe e fazendo dela sua mulher. Eros, todavia, não revelou sua identidade à amada, ele preferiu manter a relação com Psiquê em segredo, deixando-a no palácio durante o dia, entregue aos cuidados dos serviçais que com suas vozes atendiam todos os seus desejos, e a visitava durante a noite. Ela, por sua vez, o sentia, mas não podia lhe ver. Embora cercada de todo conforto, tendo seus desejos realizados e também

apaixonada pelo amante, Psiquê vivia em um mundo incorpóreo, preenchido unicamente pelas vozes de Eros e dos criados.

As duas irmãs de Psiquê, em busca de notícias sobre seu paradeiro, foram ao rochedo para tentar encontrar informações sobre ela. Mesmo contrariado com a visita das duas ao palácio, Eros pediu a Zéfiro que as levasse até lá. Ao reverem Psiquê e perceberem toda a riqueza que a cercava suspeitaram que ela tivesse se casado com um deus.

Eros sabia do perigo que as visitas das irmãs de Psiquê representavam para a sua união com ela e, por isso, advertia-a para que tivesse cuidado com as duas, manifestando o desejo de que a esposa não mais as recebesse. Psiquê, no entanto, recusava-se a atendê-lo e lhe garantia que nada demais aconteceria.

Cheias de inveja da sorte e beleza de Psiquê, as duas a levaram a duvidar de seu amante, cogitando a possibilidade dele ser, na verdade, uma grande serpente disfarçada que engoliria a ela e o filho que esperava. Como Psiquê jamais tivesse visto Eros, assustou-se com o que as irmãs disseram e, tomada pela dúvida, levou adiante o plano que as duas elaboraram para desmascará-lo: elas instruíram Psiquê a se aproximar dele enquanto dormia, levando um candeeiro e uma faca afiada para matá-lo, caso se confirmasse de que se tratava de um monstro.

Psiquê, então, aproximou-se do leito e iluminou o rosto do amante. Surpreendida por sua beleza, descobriu que estava vivendo com o deus do amor; contemplou-o apaixonadamente e quando tentou se afastar, feriu-se com uma das flechas de Eros que estavam próximas da cama, o que a fez sentir-se ainda mais apaixonada por ele, até que gotas de óleo quente caídas do candeeiro pingaram sobre o ombro do deus, despertando-o.

Enfurecido por Psiquê ter quebrado a promessa de que não tentaria conhecer sua identidade, Eros abandonou-a. Com o fim do relacionamento entre os dois, o palácio desapareceu, assim como também os criados.

Psiquê se viu completamente só e, além disso, percebeu que havia caído na trama maldosa elaborada pelas duas irmãs.

Desorientada, vagou até a casa de cada uma delas a fim de executar sua vingança: ao se encontrar com a primeira, Psiquê disse ter cumprido o plano para desmascarar o amante, descobrindo que ele era, na verdade, o deus do amor, mas que ele havia se revoltado com a ação dela e, para completar, a deixaria para se casar com essa irmã por ter se encantado por ela em uma de suas visitas. Sem suspeitar que Psiquê mentia, ela encaminhou-se para o rochedo a fim de ser levada por Zéfiro até o palácio e unir-se a Eros. Acreditando que o vento oeste a conduziria até lá, lançou-se do alto da rocha, mas despencou em uma queda fatal; o mesmo aconteceu com a outra irmã.

Psiquê foi alvo não apenas da inveja de Afrodite, mas também de suas duas irmãs, que acabaram por desempenhar uma ação central nesse mito, que foi a de despertá-la do paraíso da inconsciência em que vivia junto a Eros. Psiquê, mesmo sendo atendida em seus desejos, vivendo em um palácio, estando cercada de todo o conforto, recebendo as visitas noturnas do amante, desconhecia a real identidade dele, além de permanecer escondida, mantida em segredo, em função do medo que ele sentia de sua mãe por não ter cumprido suas ordens e por ter se apaixonado exatamente pela mulher que Afrodite mais odiava: “Suas invejosas e ciumentas irmãs, de certa forma, são os impulsos interiores da própria alma, pois, apesar de negativos e de provocar-lhe dúvidas, sondam um problema real: a cegueira e a ignorância de Psiquê quanto a quem e o que é o seu verdadeiro amor.” (Burke e Greene, 1988, págs.43 e 44). ... “Caso Psique tivesse permanecido em seu estado cego e satisfeito de ignorância, ela nunca teria crescido e todo o potencial de seu relacionamento com Eros e o seu próprio “eu” nunca seria alcançado.” (Burke e Greene, 1988, pág. 44).

Entristecida por ter sido abandonada pelo amante e desejando tê-lo de volta, Psiquê foi ao templo da deusa Deméter e depois ao da deusa Hera em busca de ajuda, mas foi em vão. Decidiu, então, ir ao encontro de Afrodite que já a procurava para dar-lhe um castigo ainda maior. Enciumada e ofendida, Afrodite maltratou Psiquê, enquanto Eros, com seu ombro ferido pelas gotas de óleo, repousava em um dos quartos do palácio, sendo também alvo dos ataques da mãe.

Para reconquistar Eros, Afrodite deu a Psiquê quatro tarefas impossíveis de serem cumpridas. Na primeira tarefa, Psiquê teria que separar, de um grande monte, grãos e sementes por espécie, em poucas horas. A jovem nem tentou, pois não conseguiria dar conta da determinação da deusa. Uma formiga, penalizada com sua situação, convocou um batalhão de outras formigas para separar todos os grãos e juntá-los por espécie em montes diferentes.

A segunda tarefa era pegar flocos de lã de ouro de carneiros selvagens. Como fossem violentos, Psiquê, fatalmente, seria morta. Ela recebeu, então, de um caniço verde a orientação para que esperasse o sol abaixar e no momento em que eles fossem repousar na margem do rio, ela pegasse seus flocos da lã que ficavam presos nos ramos de árvores e arbustos.

A terceira tarefa foi a de encher uma jarra com as águas da nascente dos rios Cocito e Estige que atravessam o mundo do Hades e eram guardadas por dois terríveis dragões. A águia de Zeus pegou o jarro, levou-o ao alto do penhasco e encheu-o com as águas geladas.

A quarta e última tarefa era também a mais difícil e perigosa, pois para cumpri-la Psiquê precisaria descer ao Hades levando uma caixinha a fim de pegar um pouco do creme da beleza imortal de Perséfone e levá-lo para Afrodite.

A execução dessa tarefa representa, na verdade, a descida ao mundo subterrâneo e a luta contra a própria morte, conforme destaca Brandão:

“A catábase de Psiquê ao reino de Plutão é uma viagem heróica e o mais difícil de todos os seus trabalhos, porque requer a luta com a própria morte em seu habitat.” (Brandão, 1996, pág.246).

O simbolismo da catábase é encontrado também em outros mitos, fazendo parte da jornada do herói e estando associada ao mergulho do homem em seu próprio mundo interior: “O fato de Psiquê ser mandada a Perséfone no inferno significa que ela tem de percorrer o caminho dos heróis, o qual, se ela tiver êxito, se assemelha à viagem marítima noturna do sol através das trevas do Hades.” (Neumann, 1995, pág.91). O Hades é considerado o mundo oculto e inconsciente que nos habita, Psiquê é a alma, o sopro, e sua entrada no Hades simboliza a entrada da alma em sua própria escuridão.

Desesperançada, por considerar tal tarefa impossível, aproximou-se de uma torre para se lançar de seu topo, mas a torre começou a falar e a aconselhou a levar duas moedas para dar ao barqueiro Caronte, dois pedaços de bolo feitos com farinha de cevada, mel e vinho, um em cada uma de suas mãos, para amansar Cérbero, cão tricéfalo que guardava a entrada do Hades. Além dessas orientações, a torre lhe disse que ela encontraria no caminho para o mundo dos mortos um burriqueiro coxo conduzindo um asno também coxo que lhe pediria para pegar lascas de lenha de sua carga que estavam caídas pelo chão, mas Psiquê deveria se recusar a ajudá-lo; Psiquê deveria também dizer não a um ancião morto que, durante a travessia, ergueria as mãos podres das águas pedindo para ser salvo e colocado no barco de Caronte; ela também encontraria velhas fiandeiras que tecendo um pano lhe pediriam ajuda, mas deveria afastar-se delas e seguir em frente, em direção ao cumprimento de sua tarefa. Na verdade, Psiquê não deveria se deixar aprisionar pelo que já morreu e também não deveria se deixar tomar pela pena: “Mas não te deixes arrastar por uma piedade que te é proibida.” (Apuleio, 2019, pág.237).

Os pedidos de ajuda do burriqueiro coxo, do cadáver e das tecelãs eram armadilhas de Afrodite para tentar fazer com que Psiquê, ao ajudá-los, largasse, pelo menos, um dos pedaços do bolo que amansaria Cérbero: ela precisaria levar dois pedaços desse bolo porque seria necessário dar a ele um na entrada e outro na saída do Hades; caso ela perdesse esses bolos, estaria fadada a permanecer no mundo dos mortos: “Isto será uma das muitas armadilhas engenhadas por Vênus, para te fazer largar um dos bolos. Não julgues fútil a recomendação a respeito de cevada, nem que o prejuízo seja leve. Se perderes um deles, acabou-se para ti a luz do dia.” (Apuleio, 2019, pág. 237).

Psiquê recebeu ainda como recomendação da torre a orientação de que não aceitasse o banquete oferecido por Perséfone e que não se sentasse à mesa com ela. Nesse contexto, comer representaria estabelecer a comunhão com o Hades: “Desse modo, a ajuda, o comer em conjunto, o aceitar presentes ou ser convidado para ir à casa de outrem estabelecem comunhão, identidade e um elo frágil entre o ajudante e o ajudado.” (Brandão, 1996, pág.245)

A torre recomendou ainda, enfaticamente, que uma vez cumprida a tarefa de pegar o creme da beleza imortal de Perséfone, Psiquê não abrisse a caixinha, em hipótese alguma, e a levasse imediatamente à Afrodite.

Muito embora Psiquê tenha seguido todas as recomendações da torre, ela não se conteve diante da possibilidade de pegar um pouco do creme da beleza para tornar-se ainda mais bela aos olhos de Eros. Ao abrir a caixinha, ela foi tomada, no mesmo instante, por um sono profundo, que era, na realidade, o sono da morte.

Eros, já recuperado e com saudades dela, foi ao seu encontro para salvá-la; ele a despertou, fechou a caixinha e a orientou a entregá-la a Afrodite a fim de cumprir a última tarefa. Enquanto isso, ele foi buscar a ajuda

de Zeus para poder, enfim, casar-se com Psiquê, sem a interferência de sua mãe.

Zeus, comovido pelo amor de Eros por Psiquê, reuniu todos os deuses e determinou que Hermes conduzisse a mortal para o Olimpo a fim de imortalizá-la e também celebrar o casamento entre eles, sob as bênçãos de Afrodite. Da união entre os dois nasceu uma filha que recebeu o nome de Volúpia.

Conforme destaca Brandão, a história de Eros e Psiquê foi iniciada com o tema da beleza e para ela retorna em seu final: “Quando a princesa era chamada de a nova Afrodite por causa de sua beleza, que despertou o entusiasmo dos homens e a inveja da deusa, esse dom era considerado por ela uma desgraça. Mas agora, exatamente para aumentar sua beleza e torna-la digna de Eros, está disposta a atrair sobre si mesma a maior das desgraças. Tal mudança ocorreu por Eros e isso exprime uma perspicácia profundamente feminina.” (Brandão, 1996, pág.248). Afrodite sabia que, apaixonada por Eros, Psiquê não resistiria a se tornar ainda mais bela para ele.

Eros, o deus do amor, aparece na Teogonia, de Hesíodo, como uma força de união entre os seres, como um deus da primeira geração e, por isso mesmo, dotado de força primordial. Já o Eros que aparece unido a Psiquê não tem origem definida, pois, em algumas versões, ele surge com o próprio nascimento da deusa, em outras é filho de Afrodite e Hermes, ou de Afrodite e Zeus, e na versão mais difundida ele é filho de Afrodite e Ares, deus da guerra. Seja como for, Eros é o desejo que leva aos relacionamentos.

A jornada de Eros e Psiquê é, sobretudo, uma história de transformação, pois é o encontro entre os dois que motiva a mudança que ocorre em cada um deles. Eros começa a história como o filho imaturo de Afrodite e termina como marido de Psiquê e pai de Volúpia, o que expressa seu

processo de amadurecimento a partir da união com ela. Por sua vez, Psiquê, que mesmo sendo admirada por todos os homens permanecia intocada e sem receber um único pedido de casamento, encontrou na união com Eros o caminho para desenvolver seus potenciais ao desempenhar as tarefas sobre-humanas, sendo auxiliada, na verdade, por elementos representativos de sua própria natureza; ela também desceu ao Hades, correndo o risco de lá permanecer, e teve sua consciência despertada por Eros para alcançar o Olimpo, símbolo da esfera superior, em que ocupou o lugar de sua esposa, mãe de sua filha e passou a comungar com os deuses da imortalidade.

Isabel Spagnolo



Isabel Spagnolo, jornalista, pós-graduada em História da Filosofia e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuei como professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por quase duas décadas. Sou apaixonada por Tarô, Astrologia e Literatura Grega. Participo, atualmente, de cursos sobre Mitologia e Teatro Grego. Instagram: @isabelspagnolo | E-mail: isabelspagnolo@yahoo.com.br.

Revista **Autorretratos**

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!